TABELÃO COMPLETO DO SÃO PAULO CAMPEÃO DA AMÉRICA

PLACAR

EDITORA ABRIL
Nº 1073
JULHO DE 1992
Cr$ 13 000,00

DE FRIEDENREICH A BEBETO

90 ANOS DE GOL!

Os maiores goleadores da história dos clubes

Os grandes artilheiros estaduais

As obras-primas de Pelé, Zico, Reinaldo e Cia.

Os novos reis da grande área

Sabó: peças para o seu Na moda há

LOGULLO/CAVALCANTI

íntimas veículo. 50 anos.

Ninguém conhece a intimidade do seu carro melhor que a Sabó. Uma indústria 100% nacional, há 50 anos produzindo retentores, juntas e mangueiras sempre na busca da perfeição. E, ao contrário das outras peças íntimas que se conhecem, as peças Sabó você não troca a toda hora. Um estilo que conquistou consumidores não só no Brasil, mas também na Europa, Japão, Estados Unidos e em muitos outros países. Sabó: peças íntimas que seu carro não troca por nada. Na moda há 50 anos.

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci, Edvard Ghirelli Filho, Júlio Bartolo, Oswaldo de Almeida, Ricardo A. Setti, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor Gerente: Alberto Pecegueiro

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórteres: Paulo Coelho e Manoel Coelho (colaborador)
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de Lima (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva, Wander Roberto de Oliveira e Sidnei Augusto da Silva (colaborador)

APOIO EDITORIAL
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Madri: Alessandro Porro (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

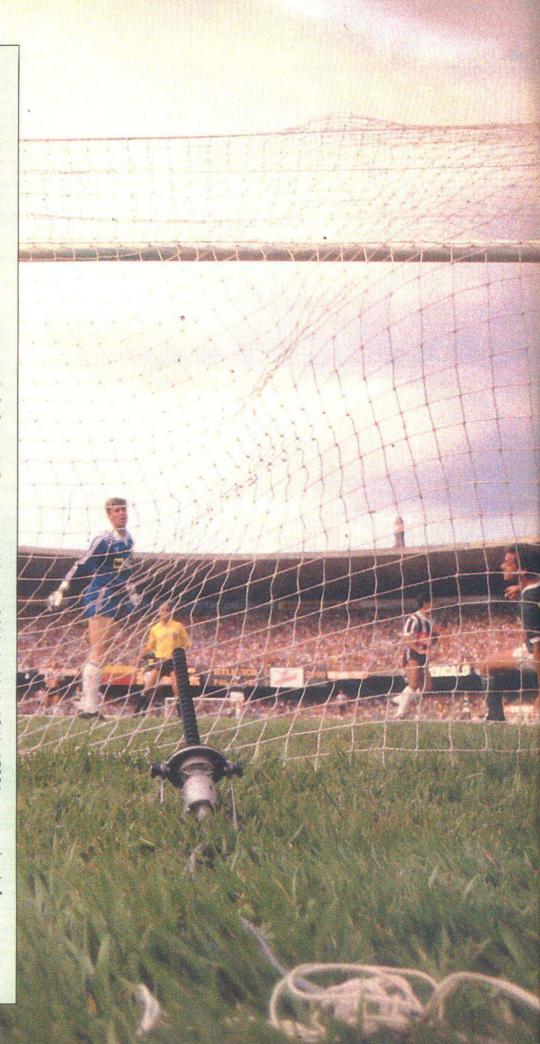
PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Gerentes: Dario Castilho, Miguel Castello, Moacyr Guimarães, Nilo Galdeano Bastos, Olavo Ferreira, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Gerente de Promoção: Jacira Fernandes de Barros
Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Tieko Kuniyuki (Coordenadora)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Ana Marta Manfio Gozzio, Antonio Carlos Perreto, Eliane Pinho S. da Silva, João Marcos Ali, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Renato Bertoni, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário: Marta de Moraes (supervisora)
Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Regiões Sul e Sudeste); Geraldo Nílson de Azevedo (Regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste)
Gerentes de Contas: Lilica Mazer (Sul); Sílvio Provazzi (Nordeste)
Escritórios Regionais - Gerentes: Mauro Marchi (Blumenau); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte). **Supervisores:** Ana Lúcia Figueira (Porto Alegre); Luiz Alberto Souza Santos (Curitiba); Reginaldo Gomes de Andrade (Salvador); Silvana Grisi (Campinas)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermidia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

MARKETING
Diretor de Marketing: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti
Diretor de Operações: Nelson Romanini Filho

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Luis Fernando Pinto Veiga

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

Bola estufando a rede, goleiro batido, a corrida do artilheiro para o abraço, o carnaval das arquibancadas. Todas essas cenas podem ser resumidas numa pequena palavra de apenas três letras: GOL. Ele é a razão do futebol.E de PLACAR

PLACAR

ESTÁ NO PLACAR: É GOL

Responda rápido: quais os jogadores que mais gols fizeram com a camisa de Corinthians, Vasco, Flamengo, Palmeiras, Botafogo, São Paulo, Fluminense, Santos, Cruzeiro, Atlético Mineiro, Internacional e Grêmio?

Pode tirar do rosto esse sorriso superior, de quem sabe tudo, caro leitor, pois se a resposta é óbvia em alguns casos (como o de Pelé, no Santos, ou o de Zico, no Flamengo, por exemplo), em outros você, com toda a certeza, citará autores errados. Mas, para não estragar o seu prazer da descoberta, não vou dar nenhuma pista. Só um aviso: alguns nomes vão deixá-lo espantado.

Bebeto ***(abraçado por Bismarck):*** **modernidade do gol à brasileira**

Dedicado ao gol e aos artilheiros, este número de PLACAR abrange nada menos do que noventa anos de bola rolando pelos gramados do Brasil. Ou melhor: de bola nas redes. Você vai encontrar na revista quais são os maiores goleadores de cada Estado; aqueles que mais marcaram em uma só partida e a maior goleada já ocorrida no futebol brasileiro.

Como pode ver, é uma revista rica em números e dados históricos, para ser lida e guardada como fonte de consulta. Nela, estão desde Charles Miller, o primeiro artilheiro do Brasil, a Bebeto, artilheiro do Campeonato Brasileiro de 1992 até o final da Primeira Fase. Ou seja, não faltou ninguém que soubesse, e saiba, fazer gols.

Sérgio f. Martins

1971 1992

A partir da década de 70, as defesas ficaram mais fechadas, mas os ataques, ainda assim, acham espaços para encher as redes de gols

OS HERÓIS DA ALEGRIA

Gol. Nunca um técnico, em qualquer época, ousou negar a magia dessa palavra. Afinal, é ela que garante vitórias, títulos e os empregos dos próprios treinadores. Por isso, ninguém também tentou negar a importância do jogador especializado em marcá-los: o artilheiro. A chegada dos anos 70, no entanto, mudou a realidade do futebol, e o goleador passou a ficar mais e mais isolado entre os zagueiros. Para piorar, era cobrado a cada jogo pelos torcedores, desesperados por não conseguirem desafogar o grito de gol preso na garganta. Mas, apesar das poucas chances para marcar e condenado à solidão por esquemas inovadores, continuou sendo aquele herói capaz de definir um campeonato.

O motivo foi o avanço das táticas defensivas desde o início do profissionalismo, que retirou pouco a pouco a possibilidade de marcar gols que tinham até então os jogadores de várias posições no ataque. Primeiro foram os pontas, muitas vezes verdadeiros goleadores nos primeiros tempos do futebol, que, a partir de Zagalo na Copa do Mundo de 1958, começaram a recuar até incorporarem-se ao meio-campo. Depois chegou a vez do ponta-de-lança acabar substituído por jogadores especializados em armar jogadas, fazendo com isso o centroavante perder um companheiro nas disputas na área e na tarefa de concluir jogadas. Resultado: o centroavante passou a ser o único responsável pelos gols, tendo de buscar espaços nas cada vez mais fechadas defesas adversárias.

Para compensar a ausência de atacantes, os laterais, antes apenas marcadores, viraram apoiadores, com a obrigação de chegar à linha de fundo para fazer cruzamentos para a área. A tendência ganhou força na Copa do Mundo de 1966, com a Seleção Inglesa do técnico Alf Ramsey, que liberou os laterais Cohen, pelo lado direito, e Wilson, pela esquerda.

No Brasil, esse esquema foi adotado na Copa no Mundo de 1978, com o 4-4-2 utilizado pelo falecido técnico Cláudio Coutinho. O Brasil foi o terceiro colocado do Mundial, mas marcou apenas dez gols em sete jogos, sendo três do artilheiro Roberto Dinamite.

O próprio Coutinho, no entanto, empregando o mesmo sistema, fez do Flamengo, no final da década de 70, um time fantástico e extremamente ofensivo. Foi campeão brasileiro, bicampeão carioca e passou o comando da equipe a Paulo César Carpegiani, que adaptou o sistema, fazendo o time jogar com cinco homens no meio-campo (Andrade, Adílio, Zico, Tita e Lico). Para isso, liberou totalmente os laterais Leandro e Júnior e isolou Nunes na frente. Os deslocamentos da equipe, no entanto, confundiam as defesas, abrindo espaços para o centroavante concluir. O resultado foi o título mundial interclubes de 1981, com dois gols de Nunes nos 3 x 0 da final contra o Liverpool.

O Flamengo e a Seleção Brasileira de 1982, que também apresentava um estilo extremamente ofensivo, atuando em um 4-4-2, reforçavam a tese de que o centroavante podia jogar isolado e, mesmo assim, ser um artilheiro. Mas muitos sofreram com o esquema. Reinaldo foi durante anos abandonado no ataque da Seleção e do Atlético-MG. Foi hexacampeão mineiro e ídolo da torcida por seus gols memoráveis, mas, sem um companheiro para efetuar tabelas, ficou por demais exposto aos pontapés dos beques e teve que extrair os meniscos dos dois joelhos.

Só a partir de meados dos anos 80 alguns times tentaram resolver o problema. Para isso, passaram a se utilizar de dois pontas-de-lança, retirando o centroavante clássico de campo. O melhor exemplo é o antigo meia Bebeto, hoje companheiro de outro ponta-de-lança, Edmundo, no ataque do Vasco. Outro exemplo é Müller, formado como meia, mas que é hoje o jogador mais avançado do São Paulo. Esse esquema é utilizado até pela Seleção Brasileira do técnico Carlos Alberto Parreira, onde Bebeto e Renato Gaúcho — esse sem ser um artilheiro — são os responsáveis pelas jogadas ofensivas.

Nada, no entanto, capaz de tirar o brilho de jogadores que, heroicamente sitiados entre os zagueiros adversários, conseguem repetir o brilho dos mais românticos homens-gols do passado. Atacantes como Paulinho, do Santos, Charles, do Cruzeiro (cujo passe foi recentemente comprado por Maradona), Gaúcho, do Flamengo, capazes de serem ídolos de suas torcidas por terem unicamente o dom para realizar a própria razão do futebol: o gol.

ABRIL

Raul, Leandro, Marinho, Andrade, Figueiredo e Júnior; Tita, Adílio, Nunes, Zico e Lico: um Flamengo campeão e extremamente ofensivo

IGNACIO FERREIRA

Na Copa de 1978, Roberto Dinamite fez 30% dos gols brasileiros

J.B. SCALCO

Craque e goleador, Zico foi quatro vezes artilheiro carioca

Paulinho, do Santos: atacante à moda antiga

RICARDO CORRÊA

ARMÊNIO ABASCAL

Reinaldo: abandonado no ataque da Seleção, mas Rei no Atlético

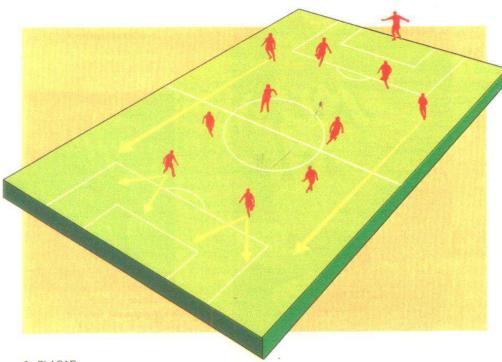
SÉRGIO BEREZOVSKY

Técnico, veloz e oportunista, Careca possui todas as qualidades de um goleador

CARECA

BRASILEIRO TIPO EXPORTAÇÃO

Ele possui todas as qualidades de um centroavante. É extremamente técnico, tem ótima velocidade e, acima de tudo, está sempre presente na área na hora certa. Por isso, Careca é hoje o jogador brasileiro mais respeitado no exterior. E quem imagina que o Brasil não encanta mais fora de suas fronteiras deve ter uma certeza: Careca encanta. E isso acontece desde os 18 anos, quando surgiu no Guarani, conquistando o título brasileiro de 1978, inédito na época para um clube do interior. No São Paulo, onde chegou em 1983, cativou os torcedores com um futebol mais maduro, tornando-se artilheiro do Campeonato Paulista de 1985, com 25 gols. No ano seguinte, venceu seu segundo campeonato nacional e sagrou-se goleador do Brasileiro com 23 gols. Em seguida, disputou sua primeira Copa do Mundo em 1986, garantindo sua contratação pelo Napoli.

Só não apresentou o mesmo futebol primoroso no Mundial da Itália, em 1990, mas mostra ainda hoje a mesma qualidade dos primeiros tempos por seu clube, onde já ganhou o título italiano de 1990 e a Copa da UEFA de 1989.

A TÁTICA DOS ANOS 90

O avanço das táticas defensivas isolou o centroavante e o deixou abandonado aos pontapés dos zagueiros. Primeiro, o ponta recuou para ajudar o meio-campista. Depois, o ponta-de-lança foi perdendo lugar até tornar-se um jogador de armação. Mesmo assim, os centroavantes sobreviveram e continuaram sendo os homens-gols de suas equipes. Mas alguns técnicos, para acabar com o isolamento no ataque, resgataram o ponta-de-lança, colocando dois jogadores fazendo essa função no ataque. Para auxiliá-los, há sempre quatro jogadores de meio-campo e os dois laterais avançando em direção à linha de fundo, para ocupar o espaço que, antes, pertencia ao ponta. Ainda assim, em vários times o centroavante não só sobrevive como é o artilheiro.

A genialidade de Zico ficava mais evidente na hora da conclusão: marcou 508 vezes em 730 jogos com a camisa rubro-negra

ZICO

A MAIOR GLÓRIA RUBRO-NEGRA

Todos os problemas que surgiram em sua vida foram superados. Do corpo franzino às contusões do final da carreira. Venceu até as barreiras táticas do fim da década de 70 e anos 80, que dificultavam a um meia tornar-se artilheiro. Aproximava-se da área com a genialidade dos maiores jogadores que já vestiram a camisa rubro-negra e com os 508 gols que marcou nos 730 jogos com a camisa do Flamengo, como profissional, entre 1971 e 1989, transformou-se no maior goleador do clube na história.

E, desde o início da carreira, Zico mostrava ser gênio. Em 1974 todos diziam que a equipe estava em decadência e que, sem craques, não venceria o Campeonato Carioca. Mas os rubro-negros tinham Zico. Por isso, foram campeões e o Galinho de Quintino, o goleador da equipe com dezenove gols, um a menos que Luisinho, do América, o líder dos artilheiros.

Apenas um ano depois, Zico ganharia pela primeira vez a briga dos goleadores do Campeonato Estadual, com a excelente marca de trinta gols. Depois, repetiu a façanha três vezes: em 1977 com 27 gols, em 1979 com 26 e 1982 com 21, sem contar o Campeonato Especial de 1979, quando anotou 34 vezes. Durante vários anos, no entanto, foi chamado de Craque de Maracanã, em referência a seu desempenho no Rio de Janeiro que, segundo os críticos, não se repetia fora do Estado. Não importava sequer que tivesse sido campeão da Copa Bicentenário dos Estados Unidos pela Seleção Brasileira, em 1976, nem que tivesse disputado a Copa do Mundo de 1978, na Argentina.

A glória definitiva que acabou com os argumentos dos críticos veio no Estádio Centenário de Montevidéu, em 1981, onde marcou os dois gols da vitória por 2 x 0 sobre o Cobreloa que garantiram o título da Taça Libertadores da América. Na final do Mundial Interclubes (3 x 0 contra o Liverpool), não marcou, mas foi eleito o melhor em campo e premiado com um automóvel Toyota. Jogou a Copa de 1982 e no ano seguinte foi contratado pela Udinese, onde foi vice-artilheiro do Campeonato Italiano com dezenove gols. Só lhe faltou um título mundial pela Seleção, que tentou pela última vez, mesmo sem condições físicas, devido a uma entrada do bangüense Márcio Nunes, no México, em 86.

IGNACIO FERREIRA

O RIO É DE ADÃO

Claúdio Adão é um sinônimo de artilheiro no Rio de Janeiro. Jogou em todos os quatro grandes clubes do Estado e foi bicampeão carioca em 1978/79 pelo Flamengo; campeão em 1980, pelo Fluminense; artilheiro em 1978, com 19 gols, e em 1980, com vinte. De quebra, jogou no Bangu, onde foi goleador carioca de 1984, com doze.

MENDONÇA NOS TRINTA

Jorge Mendonça foi o último jogador a marcar mais de trinta gols no Campeonato Paulista. Em 1981, fez 38 pelo Guarani, o que não acontecia desde 1965, quando Pelé marcou 49. Assim, tornou-se o oitavo jogador de toda a história a superar a marca dos trinta. Essa, no entanto, foi a única vez que o meia se tornou goleador do Paulistão.

SILVIO PORTO

Túlio: seus gols, agora, serão pagos em dólares

GOLS MILIONÁRIOS

Em 1989, Túlio foi o artilheiro do Campeonato Brasileiro pelo Goiás e ganhou 100 mil dólares de um concurso da Telefunken, que se dispôs a premiar o goleador do certame. Mas podia ter ganho um milhão de dólares se ultrapassasse a média de 1,49 alcançada por Pelé no Paulista de 1958. Comprado por um pool de empresários, Túlio sonha hoje recuperar o prejuizo com os salários do Montpelier ou Paris Saint-Germain, pois jogará o Campeonato Francês, por um desses dois clubes.

JOSÉ PINTO

Estilo irreverente, Serginho conferia todas as bolas que passavam em sua frente

SERGINHO

UM ATACANTE INCONFUNDÍVEL

Nenhum zagueiro jamais dormiu sossegado às vésperas de jogos contra Serginho. Ele era alto, meio desengonçado e trombador, mas a cada vez que a bola cruzava a grande área havia a certeza de que não passaria sem encontrar o pé do atacante. Os são-paulinos tiveram a alegria de perceber isso 248 vezes, o número exato de gols anotados pelo centroavante com a camisa do clube e que o tornaram o maior artilheiro da história tricolor. Os santistas acompanharam outras cem vezes a marca registrada desse paulistano nascido a 23 de dezembro de 1953. "Sempre tive gana de marcar gols", conta o atacante.

Muitas torcidas adversárias sentiram isso de perto. Os palmeirenses, por exemplo, foram eliminados nas semifinais do Campeonato Paulista de 1978 no último minuto da prorrogação com uma cabeçada fantástica de Serginho, que encobriu o goleiro Gilmar. Os corintianos sofreram o gol que deu ao Santos seu último Campeonato Paulista, em 1984, e viram cair por terra o sonho de seu quarto tri (o Corinthians havia sido bi em 1982/83 e foi tri em 1922/23/24, 1928/29/30 e 1937/38/39).

Com todo esse faro de gol, foi artilheiro dos Campeonatos Paulistas de 1975, 1977, 1983 e 1984, e do Brasileiro de 1983. E, depois de uma passagem pela China em 1990, ainda desfila pelo São Caetano, da Divisão Intermediária de São Paulo, o mesmo estilo irreverente e gols inconfundíveis.

ABRIL

CLAUDIOMIRO

UM CASO DE AMOR COLORADO

Em recente votação para escolher os 10 Gênios do Futebol Brasileiro entre 1970 e 1992 para PLACAR, o renomado cronista gaúcho Luis Fernando Verissimo selecionou o nome de Claudiomiro. Se houve protestos de toda parte, os colorados, pelo menos, não estranharam a escolha. Na verdade, o centroavante, que encerrou a carreira prematuramente em 1979, aos 29 anos, é uma unanimidade com a camisa do Internacional.

Folclórico artilheiro de frases engraçadas e gols fartos, quem o viu pelos campos do Rio Grande do Sul, onde disparou na artilharia em 1970 e 1972, com dez e treze gols, jura que, não fosse o problema da obesidade, ele poderia marcar muitos mais.

Claudiomiro: unanimidade no Inter

ARTILHEIROS DE 1971 A 1991

ANO	SÃO PAULO	Nº DE GOLS	RIO DE JANEIRO	Nº DE GOLS	MINAS GERAIS	Nº DE GOLS	RIO GRANDE DO SUL	Nº DE GOLS
1971	CÉSAR (Palmeiras)	18	PAULO CÉSAR (Botafogo)	11	JAIR BALA (América)	15	VALDOMIRO (Inter) e DÉCIO (Esportivo)	6
1972	TONINHO (São Paulo)	17	DOVAL (Flamengo)	16	DARIO (Atlético)	21	CLAUDIOMIRO (Inter)	13
1973	PELÉ (Santos)	11	DARIO (Flamengo)	15	CAMPOS (Atlético)	15	BEBETO (Gaúcho)	13
1974	GERALDO (Botafogo)	23	LUISINHO (América)	20	DARIO (Atlético)	24	ESCURINHO (Inter)	11
1975	SERGINHO (São Paulo)	22	ZICO (Flamengo)	30	PALHINHA (Cruzeiro)	10	BEBETO (Gaúcho) e TARCISO (Grêmio)	13
1976	SÓCRATES (Botafogo)	14	DOVAL (Fluminense)	20	MARCÃO (América)	13	ALCINO (Grêmio)	17
1977	SERGINHO (São Paulo)	22	ZICO (Flamengo)	27	ELI CARLOS (Cruzeiro)	18	FLAVIO (Pelotas) e LUÍS FREIRE (Esportivo)	13
1978	JUARY (Santos)	29	ZICO, CLÁUDIO ADÃO (Flamengo) e ROBERTO (Vasco)	19	LUÍS ALBERTO (Valério)	12	JAIR e VALDOMIRO (Inter)	15
1979	LUÍS FERNANDO (América)	21	ZICO (Flamengo)	26	MAURO (Cruzeiro)	15	JAIR (Inter)	24
1980	EDMAR (Taubaté)	17	CLÁUDIO ADÃO (Fluminense)	20	MAURO (Cruzeiro)	18	BALTAZAR (Grêmio)	28
1981	JORGE MENDONÇA (Guarani)	38	ROBERTO (Vasco)	31	EDMAR (Cruzeiro)	14	BALTAZAR (Grêmio)	20
1982	CASAGRANDE (Corinthians)	28	ZICO (Flamengo)	21	TOSTÃO (Cruzeiro)	17	GERALDÃO (Inter)	20
1983	SERGINHO (Santos)	22	LUISINHO (América)	22	CARLINHOS (Cruzeiro)	14	KITA (Juventude)	15
1984	SERGINHO (Santos) e CHIQUINHO (Botafogo)	16	BALTAZAR (Botafogo) e CLÁUDIO ADÃO (Bangu)	12	CARLOS A. SEIXAS (Cruzeiro)	14	ADEMIR ALCÂNTARA (Pelotas)	21
1985	CARECA (São Paulo)	23	ROBERTO (Vasco)	12	ÉVERTON (Atlético)	16	BALALO (Inter)	14
1986	KITA (Inter de Limeira)	23	ROMÁRIO (Vasco)	20	NUNES (Atlético)	26	TITA (Inter) e CAIO JR. (Grêmio)	12
1987	EDMAR (Corinthians)	19	ROMÁRIO (Vasco)	16	CARLOS HENRIQUE (Uberaba) e LUISÃO (Tupi)	12	AMARILDO (Inter)	19
1988	EVAIR (Guarani)	19	BEBETO (Flamengo)	17	HAMÍLTON (Cruzeiro)	12	LIMA (Grêmio)	17
1989	VÔLNEI (Ferroviária) e ALBERTO (Ituano)	12	BEBETO (Flamengo)	19	GÉRSON (Atlético)	19	CAIO (Juventude)	10
1990	TÔNI (São José) e TONINHO (Portuguesa)	13	GAÚCHO (Flamengo)	14	SÍLVIO (América)	20	NÍLSON (Grêmio)	22
1991	RAÍ (São Paulo)	20	GAÚCHO (Flamengo)	17	GILMAR (Democrata-GV)	14	GÉLSON (Lajeadense)	17

FESTA PELA DIREITA

Valdomiro foi um dos últimos pontas-direitas com faro de artilheiro. Era um dos maiores ídolos da torcida por fazer gols como poucos centroavantes conseguiam. Jogou no Internacional entre 1968 e 1980 e um desses gols valeu o título brasileiro de 1976. Valdomiro bateu uma falta na final contra o Corinthians, a bola tocou na trave e caiu um palmo além da linha do gol. Depois foi só sair para comemorar o título.

J.B. SCALCO

O colorado Valdomiro: ponta-direita com raríssimo faro de gol

NO FIM É COM ELES

Jogando desde o começo eles não rendiam, mas entrando nos finais de partida deixavam suas marcas. Fedato e Escurinho foram durante anos esperança de gols de palmeirenses e colorados. Hoje, eles têm Macedo, do São Paulo, como herdeiro. Na Libertadores, fez dois gols e destroçou defesas entrando no fim, inclusive sofrendo o pênalti na final. "Ele rende mais assim", garante Telê Santana.

INVEJA GREMISTA

Embora tenha atuado nos dois grandes clubes do Rio Grande do Sul, foi no Grêmio que Geraldão deixou a torcida com enorme dor-de-cotovelo. Dividindo a posição no clube com Baltazar, fez pouco e viu o companheiro ser o artilheiro do campeonato de 1981, com vinte gols. No Internacional, no ano seguinte, porém, a história foi diferente: marcou vinte gols e se transformou no goleador do certame, repetindo a façanha de 1974, quando, pelo Botafogo de Ribeirão Preto, foi o artilheiro de São Paulo, com 23.

MANOEL MOTTA

O "maluco" César, xodó da torcida nos anos 70: último artilheiro pelo Verdão

CÉSAR

MALUCO E BOM DE BOLA

Ele foi o último jogador que, com a camisa do Palmeiras, conseguiu sagrar-se artilheiro de qualquer espécie de campeonato oficial. Em 1971, aos 26 anos, César Augusto da Silva Lemos marcou dezoito gols e, mesmo sem impedir a conquista do título pelo São Paulo, assegurou o carinho definitivo da torcida palmeirense. Era temperamental, catimbeiro e recebeu o apelido de "César Maluco", mas tinha uma qualidade que poucos que passaram pelo Parque Antártica depois dele possuíam: um aguçado faro de gols.

Ao chegar ao Palmeiras, em 1965, vindo do Flamengo, no entanto, César não encontrou facilidades. Havia jogadores de categoria com a camisa 9 alviverde, como o uruguaio Hector Silva e o argentino Artime, que atrapalharam sua trajetória. No início dos anos 70, no entanto, passou a formar com Leivinha uma das maiores duplas de atacantes da década. Com os dois, o Palmeiras conquistou os títulos paulistas de 1972 e 1974 e o bicampeonato brasileiro de 1972 e 1973.

MANOEL MOTTA

Sua irreverência, no entanto, provocou uma suspensão de nove meses em 1972, por ofensas ao árbitro Renato de Oliveira Braga. Ao voltar à equipe, ainda mostrou ser dono do mesmo futebol brilhante. Foi convocado para a Copa do Mundo de 1974 e, no ano seguinte, transferiu-se para o Corinthians, mas só permaneceu um ano no Parque São Jorge. Ainda jogou no Santos, Fluminense-BA, Botafogo-SP e Rio Negro-AM, sem jamais repetir, porém, a alegria dos tempos de Palmeiras.

ARI GOMES

Com gols e deslocações constantes, o polivalente Bebeto é exemplo de eficiência no comando do ataque vascaíno

BEBETO

UM EXEMPLO DE MODERNIDADE

Artilheiro do atual Campeonato Brasileiro até o final da Fase Classificatória, com treze gols, o vascaíno Bebeto é o melhor exemplo de como os atacantes jogam hoje em dia. Ou, pelo menos, de como todos os outros deveriam jogar. Originariamente meia-esquerda nos tempos de júnior do Vitória, da Bahia, virou ponta-direita no Flamengo e, finalmente, centroavante. "Foi o professor Carlinhos, em 1987, quem descobriu minha verdadeira posição", agradece.

Os resultados não demoraram a aparecer: com a camisa 9 rubro-negra chegou à artilharia do Campeonato Carioca em 1988, com dezessete, e em 1989, com dezenove gols. Seus 1,74 m e 64 kg, porém, não permitiriam que se transformasse em um trombador, e Bebeto então adaptou-se à função na base da armação de jogadas e deslocamentos constantes que se exigem de um atacante moderno. "Assim, não dependo muito dos pontas", raciocina.

E foi esse atacante do futuro que o Vasco ganhou em 1989, quando Bebeto trocou a Gávea por São Januário. Depois de verem seu ídolo, comparado a Zico, fazer brilhantes atuações e ser artilheiro da Copa América de 1989, com seis gols, quando o Brasil reconquistou o título após 40 anos, os rubro-negros tiveram de amargar Bebeto, com a camisa vascaína, entortando o seu zagueiro André Cruz em uma derrota por 2 x 0, em 1990. Antes disso, Bebeto, que agora usa a camisa 10 que pertencera a Roberto Dinamite (jogador com a mesma fome de gols mas de estilo diferente), havia comandado a conquista do Brasileiro de 1989.

RICARDO CORRÊA

Aos 28 anos, Bebeto parece ter superado definitivamente aquela fase em que todos os dias precisava provar que valia os sete milhões de cruzados pagos pelo Vasco por seu passe. Formando uma parceria infernal com Edmundo, jovem revelação vascaína, é cada vez mais artilheiro. Seu grande mérito, porém, está em sinalizar com suas atuações para um novo tempo. Em que a falta de atacantes seja compensada pelas qualidades individuais.

MARCO ANTÔNIO CAVALCANTI

Mais de 600 gols, sempre à custa de muita classe ou no corpo a corpo com zagueiros: é Roberto, eterno ídolo do Vasco

ROBERTO DINAMITE

EXPLODINDO DE ALEGRIA

Explode o Garoto Dinamite!, exclamava a manchete do *Jornal do Brasil* no dia seguinte à vitória do Vasco sobre o Inter-RS, pelo Campeonato Brasileiro de 1971. O "garoto" era Carlos Roberto de Oliveira, artilheiro do Campeonato Carioca de Juvenis daquele ano com treze gols, que entrou no time de cima substituindo ao ponta Gílson Porto para marcar o segundo do Vasco no jogo.

Foi apenas o primeiro de uma série de 642 gols em 1 034 jogos com a camisa do clube. Daquela noite em diante, Roberto Dinamite, como passou a ser chamado, virou sinônimo de Vasco da Gama. Era um goleador completo: cabeceava, chutava de longa distância, cobrava faltas com exatidão e, graças à sua compleição física, levava vantagem no corpo a corpo com os zagueiros adversários.

Só no Campeonato Carioca, Roberto foi artilheiro três vezes: em 1978 (com dezenove gols, ao lado de Zico e Cláudio Adão, os dois do Flamengo), 1981 (com 31) e 1985 (com doze). No Brasileiro foi artilheiro em 1974, com dezesseis gols, e o jogador que mais marcou na história da competição (190 vezes). Participou da Copa do Mundo de 1978, na Argentina, quando marcou três gols (um contra a Áustria e dois contra a Polônia). Em 1982, foi chamado às pressas para ficar na reserva de Serginho na Espanha. Fez 49 jogos com a camisa canarinho, marcando 26 vezes.

Mas os vascaínos não se esquecem mesmo é do dia 5 de maio de 1980. Voltando de uma rápida passagem pelo Barcelona, Roberto triturou o Corinthians, fazendo cinco gols — quatro deles só no primeiro tempo. Em 1989, quando muitos já o julgavam acabado, foi para a Portuguesa e tornou-se o terceiro goleador do Brasileiro daquele ano, com nove gols. Esteve no Campo Grande, no ano passado, e voltou para o Vasco, onde fez um merecido jogo de despedida nos 3 x 3 contra o Santos, pelo Brasileiro deste ano.

PAULINHO

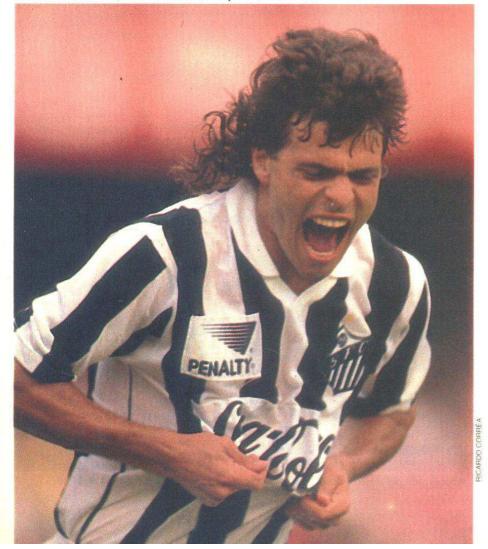
O ÚLTIMO DOS OPORTUNISTAS

Dos vinte clubes que disputam o atual Campeonato Brasileiro, o Santos é um dos poucos que mantêm a tradição de jogar com um centroavante à moda antiga, daqueles que fazem do oportunismo a maior arma na hora de decidir um lance de perigo na área adversária. E não se arrepende nem um pouco: seu camisa 9 é Paulo César Vieira Rosa, o Paulinho, justamente o artilheiro do Campeonato Brasileiro de 1991, quando marcou quinze gols. É, com certeza, o último atacante do gênero nos grandes clubes de São Paulo.

"Sempre tive fome de gol", afirma ele, que escolheu a posição desde 1982, quando começou, no Bandeirante de Birigüi. Após obscuras passagens por Comercial de Ribeirão Preto, Serra Negra, Barretos, Sãocarlense, Votuporanguense e Figueirense, de Santa Catarina, teve a primeira oportunidade em um clube grande quando chegou ao Santos, em 1989.

Hoje, aos 28 anos, Paulinho espera por sua primeira chance de vestir a camisa da Seleção Brasileira. Não considera que tenha alcançado a notoriedade tarde demais. Afinal, segundo ele, jogadores como Careca e Maradona chegaram ao auge a partir desta idade. Mesmo ex-craques na sua posição, como o bicampeão do mundo Vavá, são unânimes em apontar os 28 anos como "a fase em que o atacante encontra a maturidade". Logo no jogo de estréia da Segunda Fase deste campeonato, Paulinho deu a maior prova disso: em tarde de gala, fez os três gols do Santos no empate com o Vasco, em 3 x 3. Foi um sensacional duelo entre ele e Bebeto, o goleador do time carioca. Assim Paulinho voltou a ser assunto em todo o país.

O santista Paulinho, 28 anos: atacante oportunista em sua fase de maturidade

RICARDO CORRÊA

DESAFIO AO CARTOLA

Nos dezenove jogos do Botafogo na Primeira Fase do Campeonato Brasileiro, o centroavante Chicão fez onze gols — média de mais de meio por partida, comparável à dos atacantes dos melhores tempos de nosso futebol. Apesar dessa eficiência, porém, Chicão, que já jogou na Ponte Preta, Santos e Coritiba, não consegue agradar ao presidente botafoguense, Emil Pinheiro: o cartola prefere o ponta Vivinho em seu lugar.

IGNÁCIO FERREIRA

Com qualquer camisa, Nunes não se cansava de decidir títulos

DONO DAS DECISÕES

Não é à toa que Nunes era chamado de O Artilheiro das Decisões. Na campanha do tri brasileiro do Flamengo (1980, 1982 e 1983), deixou sua marca nas redes de Atlético Mineiro (o primeiro e terceiro dos 3 x 2 de 1980) e Grêmio (1 x 0, gol seu, na final de 1982). Goleador pé-quente, o João Danado, como também era chamado, foi campeão ainda no Santa Cruz, em 1976 e 1978, Náutico (1985) e Atlético Mineiro (1986).

FESTA DO INTERIOR

Desde 1970, por nove vezes os artilheiros do Campeonato Paulista saíram de times pequenos. O Botafogo teve como goleadores do certame o centroavante Geraldão, em 1974, com 23 gols; Sócrates, em 1976, com catorze; e Chiquinho, em 1984, com dezesseis. Além deles, Luís Fernando, do América, fez 21, em 1979; Edmar marcou 17 em 1980, pelo Taubaté; Kita chegou aos 23, em 1986, pelo Inter de Limeira; Tôni, do São José, marcou treze, em 1989, e Vônei, da Ferroviária, junto com Alberto, do Ituano, fizeram doze, em 1990.

ARTILHEIROS DO CAMPEONATO BRASILEIRO (1971 - 1992*)		
1971	DARIO (Atlético-MG)	15
1972	DARIO (Atlético-MG) e PEDRO ROCHA (São Paulo)	17
1973	RAMON (Santa Cruz)	21
1974	ROBERTO (Vasco)	16
1975	FLAVIO (Inter-RS)	16
1976	DARIO (Inter-RS)	16
1977	REINALDO (Atlético-MG)	28
1978	PAULINHO (Vasco)	19
1979	CÉSAR (América) e ROBERTO CÉSAR (Cruzeiro)	12
1980	ZICO (Flamengo)	21
1981	NUNES (Flamengo)	16
1982	ZICO (Flamengo)	21
1983	SERGINHO (Santos)	22
1984	ROBERTO (Vasco)	16
1985	EDMAR (Guarani)	20
1986	CARECA (São Paulo)	25
1987	MULLER (São Paulo)	10
1988	NÍLSON (Inter-RS)	15
1989	TULIO (Goiás)	11
1990	CHARLES (Bahia)	11
1991	PAULINHO (Santos)	15
1992	BEBETO (Vasco)	13*

* Até o término da Fase Classificatória

ÍDOLO PARA SEMPRE

Viola ainda era júnior, mas entrou na final do Paulistão de 88 com duas camisas, para poder jogar uma a torcida. Marcou o gol do título e entrou para a história, mas jamais foi o mesmo. Só voltou como titular este ano, e ainda hoje é um xodó da Fiel.

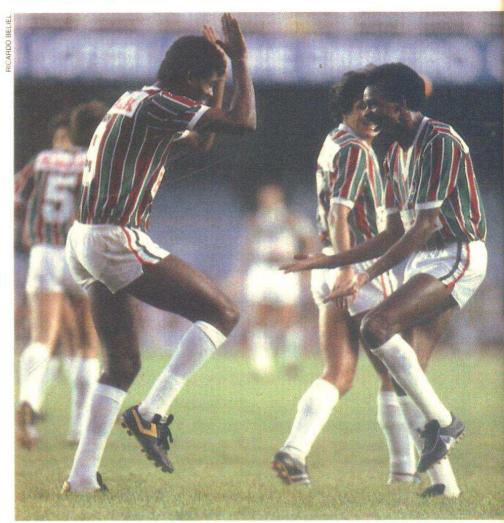
ASSIS E WASHINGTON

DE RENEGADOS A CASAL VINTE

Quem acompanhou as malogradas passagens da dupla Washington e Assis pelo futebol paulista não poderia mesmo acreditar em seu futuro. Enquanto o primeiro, baiano revelado pelo Galícia em 1981, não se adaptou às pressões vestindo a camisa 9 corintiana, o segundo não passava de uma opção de banco para os técnicos do São Paulo no final dos anos 70 e início dos 80. Foi quando Washington e Assis se encontraram, no Internacional de Porto Alegre.

Mas no Beira-Rio também pouco permaneceram, e, envolvidos em uma troca pelo lateral Augusto, foram parar no Atlético Paranaense em 1982. Em Curitiba, deram as primeiras mostras do excelente entrosamento que lhes daria o apelido de Casal 20 — inspirado em uma série de televisão. Dos setenta gols marcados pelo Atlético na campanha que lhe devolveu, depois de doze anos, o título paranaense, a dupla fez nada menos que 36 (Washington, 23; Assis, 13). Não satisfeitos, os dois seguiram juntos para o Fluminense, no ano seguinte.

Nas Laranjeiras, mais um largo período de glórias: Assis, com 29 anos, e Washington, com 23, seriam tricampeões cariocas e campeões brasileiros em 1984. Na decisão do primeiro título estadual, em 1983, Assis despachou o Flamengo no último minuto. No ano seguinte, repetiria a dose com um gol de cabeça, se consagrando como o carrasco do rubro-negro. Por isso, até hoje os tricolores cariocas e atleticanos do Paraná sentem saudade da dupla.

RICARDO BELIEL

Washington pelo meio, Assis na meia: uma feliz parceria no início dos anos 80

O Rei Reinaldo faz a festa da massa alvinegra: cena a que os felizes atleticanos assistiram 288 vezes em pouco mais de dez anos

REINALDO

O REQUINTE ATLETICANO

"Rei, rei, rei; Reinaldo é nosso Rei." O grito da torcida atleticana era quase um ritual e foi repetido em praticamente todos os finais de semana na segunda metade da década de 70 e início da de 80. Naquela época, José Reinaldo de Lima desfilava pelos gramados uma categoria única entre todos os jogadores que já vestiram a camisa 9 alvinegra e encantava até os rivais. Por isso, chegou à Seleção Brasileira aos dezoito anos (estreou pela Copa América com uma vitória por 4 x 0 sobre a Venezuela), marcou 37 vezes pelo Brasil e tornou-se o maior goleador da história atleticana, com 288 gols.

O requinte com que tratava a bola chamou a atenção dos torcedores alvinegros desde muito cedo. Aos dezesseis anos, em 1973, já era o terceiro artilheiro do time no Campeonato Brasileiro, com sete gols. Mais tarde, se tornaria artilheiro do Brasileiro, em 1977, com 28 gols, um número jamais atingido por outro atacante em uma mesma temporada. E nem a responsabilidade de substituir Dario, ídolo da torcida na época, parecia intimidá-lo. Assim, foi o principal jogador da equipe no Campeonato Mineiro de 1976, quando o Atlético quebrou uma hegemonia cruzeirense que vinha desde 1972, e deu ao Galo um título que não possuía desde 1970 (em 1971 o campeão foi o América).

Por isso, foi convocado por Cláudio Coutinho para disputar a Copa do Mundo de 1978, na Argentina, mas participou apenas de dois jogos, contra Suécia e Espanha, e marcou um gol. As contusões, porém, o acompanharam desde o início da carreira, obrigaram-no a extrair os meniscos dos dois joelhos e acabaram prematuramente com sua passagem pelo futebol. Em 1985, aos 28 anos, já considerado um jogador em fim de carreira, ainda tentou a sorte no Palmeiras, Rio Negro-AM e Cruzeiro, mas suas pernas não acompanhavam mais a rapidez de seu raciocínio. Deixou apenas a certeza nos atleticanos de que jamais tiveram um jogador tão habilidoso vestindo sua camisa 9.

CLASSE NÃO FALTA

Não eram goleadores de primeira linha. Mas, quando a coisa apertava, lá estavam eles para salvar o time, esbanjando categoria nas cobranças de faltas próximas à área. Entre 1970 e 1992, eles foram muitos, talvez até mesmo mais numerosos que em tempos anteriores. Aílton Lira, no Santos; Dicá, na Ponte Preta; Rivelino, no Corinthians e no Flu; Zenon, no Guarani; e Neto, mais recentemente no Corinthians, foram os melhores.

MAIS PALHINHA

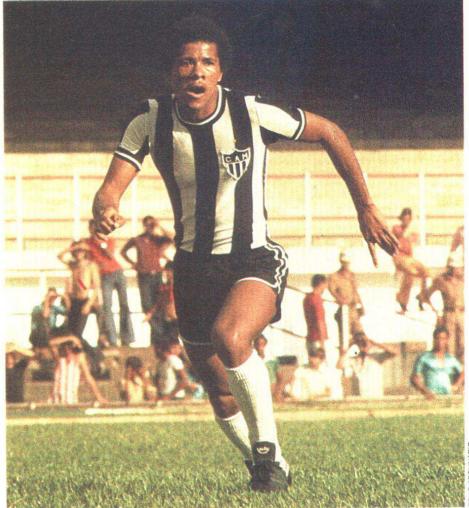
Depois de dezesseis anos, um outro brasileiro chamado Palhinha volta a ser artilheiro da Libertadores. O primeiro jogava no Cruzeiro e foi o maior goleador da competição em 1976, com treze gols. Em 1992 foi a vez de Palhinha do São Paulo, mineiro como o primeiro, sagrar-se artilheiro com sete. Os dois foram campeões e jogadores decisivos nas campanhas de seus times, mas nenhum marcou na partida final.

RICARDO CORRÊA

O São Paulo também tem o seu Palhinha, artilheiro da América

SOB SUSPEITA

Em 18 de novembro de 1973, o centroavante Campos fez dois gols e garantiu a vitória do Atlético-MG sobre o Vasco por 2 x 1 no Mineirão. Dez dias depois, seu exame antidoping acusou o uso de efedrina, uma substância proibida. Foi suspenso e jamais voltou a ser o mesmo jogador. Foi o primeiro caso comprovado e punido de doping no futebol brasileiro.

CELIO APOLINARIO

Dario era o terror das defesas nos anos 70, com seus gols de canela ou de puro oportunismo

DARIO

O MAIS FOLCLÓRICO CAMISA 9

Desajeitado até para andar, falador, de técnica tosca. Mesmo assim, que defesa dos anos 70 se arriscava a deixar Dario José dos Santos livre na área, sob a pena de levar um ou mais gols por jogo, fossem eles fruto de notável oportunismo ou mesmo de canela?

Desde que começou, no Campo Grande, o próprio Dadá havia sido o primeiro a perceber sua notável intimidade com as redes. Por isso, o artilheiro tratava de se autopromover a cada rodada de campeonato. Batizava seus gols, definia suas principais jogadas ("só três coisas no mundo eram capazes de parar no ar — helicóptero, beija-flor e eu") e tratava de inventar apelidos para si com freqüência. Acabou conhecido como Rei Dadá, Dadá Maravilha, Peito-de-Aço, Jacaré e outros nomes que o acompanharam de 1969 a 1987, quando parou.

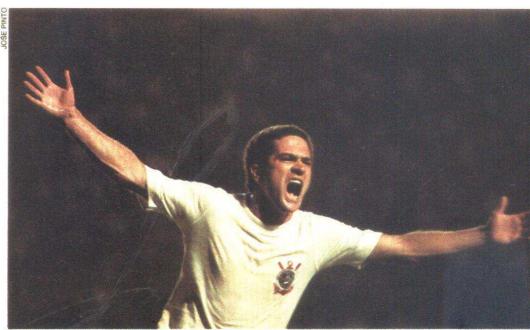
Dentro de campo, Dario tratava de alimentar a lenda em torno de seu nome com muitos gols. Passou pelo Flamengo, onde foi uma vez artilheiro carioca, em 1973, e tornou-se o maior goleador do Atlético-MG até o surgimento de Reinaldo. O general-presidente Medici impôs sua convocação para a Copa de 1970, mas ele acabou ficando na reserva. Campeão por onde passou — Inter-RS, Bahia, Goiás, entre outros —, é também o recordista de gols em uma só partida: fez dez contra o Santo Amaro, de Pernambuco, quando jogava no Sport Recife. E foi, com certeza, o mais folclórico dos centroavantes.

PALHINHA

COM A CARA E A CORAGEM

Em dezesseis anos de carreira, Vanderlei Eustáquio de Oliveira, o Palhinha, nunca fugiu de uma dividida. Ao contrário: se fosse preciso, ele, um centroavante ágil e habilidoso, oferecia o próprio corpo aos beques, para, manhoso, cavar uma falta ou o pênalti salvador. Quantas vezes, dessa maneira, não tirou das situações mais difíceis Cruzeiro, Corinthians, Vasco, Santos ou Atlético Mineiro, times que defendeu?

Depois de se sagrar campeão e artilheiro da Taça Libertadores da América pelo Cruzeiro, em 1976, marcando treze gols, Palhinha resolveu mudar de ares. E, no ano seguinte, desembarcava em São Paulo para ser o salvador do Corinthians, time que esperava por um título já há 22 anos. Deu sorte: na primeira partida final do Campeonato Paulista de 1977, contra a Ponte Preta, uma bola rebatida pelo goleiro Carlos acertou em cheio o seu rosto, indo morrer no fundo do gol. Mesmo ausente da última partida decisiva, sagrou-se campeão, e repetiria a dose em 1979. Depois, voltou para Minas.

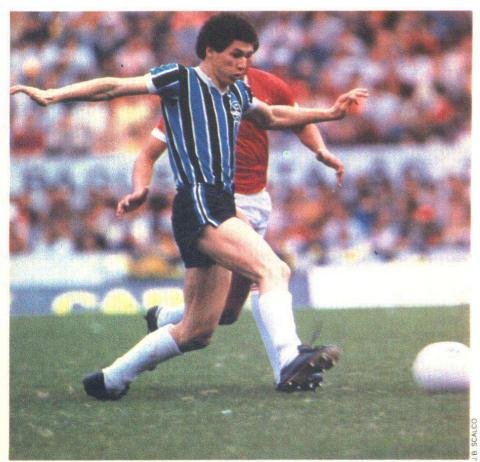
JOSÉ PINTO

Palhinha trouxe sorte e categoria: era o salvador que o Corinthians procurava

BALTAZAR

BÊNÇÃO PARA AS TORCIDAS

A área parecia abençoada. Por onde passasse, Baltazar Maria de Morais Júnior deixava sua marca. Assim foi no Atlético-GO, onde começou a carreira, no Grêmio, Palmeiras, Flamengo, Botafogo e até no viril futebol espanhol. Lá defendeu o Celta de Vigo e o Atlético de Madrid, clube pelo qual tornou-se o recordista de gols em uma única temporada, com os 35 que lhe deram a artilharia do campeonato, em 1988/89. Para homenageá-lo, os espanhóis até adaptaram seu apelido, Artilheiro de Deus, recebido no Brasil graças à sua religiosidade, e passaram a chamá-lo de *El Dios del Gol*.

Foi para os gremistas, no entanto, que Baltazar teve maior importância. Sagrou-se artilheiro do Campeonato Gaúcho em 1979 e 1980 (com 28 e 20 gols, respectivamente) e fez o gol do título brasileiro de 1981, contra o São Paulo. Foi também vice-campeão brasileiro de 1983 pelo Flamengo, e até no jejum de títulos do Botafogo conseguiu a façanha de sagrar-se artilheiro do Campeonato Carioca de 1984, com doze gols. Em 1992, aos 32 anos, ainda deixou sua marca no Rennes, da França: fez seis gols no Campeonato Francês.

J.B. SCALCO

O Artilheiro de Deus, no início da década de 80, não perdoava: em campo, era um terror

O MELHOR DOS GAÚCHOS

Baltazar marcou 28 gols no Campeonato Gaúcho de 1980 e tornou-se o maior goleador da história do torneio. Atrás dele só aparece o meia Jair, que fez 24 pelo Internacional no campeonato de 1979. Em média, no entanto, Baltazar perde para Bodinho, do Internacional, que fez 25 em 1955, época em que a competição era disputada apenas na cidade de Porto Alegre. Sua média é de 1,4 por jogo, contra 0,7 de Baltazar.

NICO ESTEVES

Casagrande, autor de três gols contra o Palmeiras: ídolo do Timão para sempre

MASSACRE NO VERDÃO

Com 19 anos, Casagrande atingiu a marca dos 28 gols no Campeonato Paulista de 1982. Foi artilheiro do certame e a revelação do ano no futebol brasileiro. Mas não foi só por isso que virou ídolo corintiano. Nesse campeonato, o Timão aplicou 5 x 1 no Palmeiras — a maior goleada alvinegra sobre o rival — com três gols de Casão, jovem artilheiro.

O JUIZ MARCOU GOL

Mas, ao contrário do que costuma acontecer, não foi com o apito, apontando para o meio do campo. Foi com o pé, mesmo, como qualquer atacante. Faltava um minuto e o Santos vencia o Palmeiras, por 2 x 1, em 1983, quando o juiz José de Assis Aragão desviou um chute de Jorginho e empatou para o Verdão. O gol, é claro, foi validado, mas para o atacante palmeirense.

CHARLES

O BAIANO QUE ENCANTA O BRASIL

Durante três anos o Bahia fez de tudo para segurá-lo. Diversos clubes o queriam, mas só a torcida tricolor tinha o prazer de vê-lo em ação. E havia motivos para ter o futebol de Charles Fabian Figueiredo Santos na equipe. Entre 1988 e 1990, enquanto defendeu o Bahia, o clube viveu uma das fases mais brilhantes de sua história. Conquistou o título brasileiro de 1988 e chegou até as quartas-de-final da Taça Libertadores da América de 1989.

Não foi por acaso, portanto, que, apenas um ano após despontar como revelação da equipe tricolor, Charles foi convocado para a Seleção Brasileira em 1989, mas acabou cortado pelo técnico Sebastião Lazaroni às vésperas da Copa América, provocando uma reação inesperada da torcida baiana, que vaiou a Seleção durante os três primeiros jogos da competição, disputados em Salvador.

Em 1990, no entanto, Charles daria a volta por cima. Foi o principal artilheiro do Campeonato Brasileiro, pelo Bahia, com onze gols, e, em seguida, transferiu-se para o Málaga, da Espanha, onde não se adaptou.

Dois meses depois, retornava ao Bahia. Mas ficou por pouco tempo: no início de 1991, o Cruzeiro comprou seu passe por um milhão de dólares. Foi campeão da Supercopa Libertadores e chamou a atenção até do supercraque argentino Diego Maradona, que arrematou seu passe por 1,25 milhão de dólares, em junho, para emprestá-lo ao Boca Juniors.

NELIO RODRIGUES

As arrancadas de Charles chamaram a atenção até de Maradona, que comprou seu passe

RICARDO BELIEL

A marca de Romário: tranqüilidade para concluir e 124 gols com a camisa do Vasco

ROMÁRIO

UM CRAQUE PARA A HISTÓRIA

Os vascaínos jamais esquecerão suas arrancadas fulminantes sempre em direção à área inimiga, nem a tranqüilidade que possuía para, na hora da conclusão, olhar o posicionamento do goleiro, tocar macio e sair para o abraço. Durante três anos, entre 1985 e 1988, os torcedores do Vasco tiveram essa alegria 124 vezes, o número exato de gols marcados por Romário com a camisa do clube. De quebra, viram o atacante ser artilheiro dos Campeonatos Cariocas de 1987 e 1988, com vinte e dezesseis gols respectivamente.

Não foi por acaso, portanto, que estreou na Seleção Brasileira logo aos 21 anos, em um amistoso contra a República da Irlanda, em Dublin, em 1987. A derrota por 1 x 0 não abalou quem o viu em ação, e a partir dali assegurou presença em qualquer convocação. Fez 37 jogos pela Seleção, marcou 27 gols, foi campeão da Copa América em 1989, mas não pôde disputar em condições físicas ideais a Copa do Mundo de 1990 — jogou só meio tempo contra a Escócia.

Seus gols e o bicampeonato carioca pelo Vasco, porém, o levaram ao PSV Eindhoven, da Holanda. Chegou em 1988, disputou a final do Mundial Interclubes com o Nacional e, embora sem evitar a derrota nos pênaltis, fez um gol no empate em 1 x 1 no tempo normal (houve outro empate em 1 x 1 na prorrogação). Depois, ainda foi campeão holandês em 1989, 1991 e 1992 e colocou seu nome na história do futebol do país.

GAÚCHO

GOL SE FAZ É COM A CABEÇA

O artilheiro dos dois últimos Campeonatos Cariocas — em 1990, com catorze gols, e 1991, com dezessete — é um legítimo herdeiro da tradição de grandes cabeceadores do futebol brasileiro, que já teve, entre outros, o corintiano Baltazar e o palmeirense Leivinha. Agora, o nome do perigo nas bolas altas na área dos adversários do Flamengo é Luís Carlos Toffoli, o Gaúcho.

"O segredo de um bom centroavante é saber aprimorar seus pontos fortes. Por isso, sempre treinei cabeçadas", conta o jogador, de 28 anos. Desde o início da carreira, nos juniores do próprio Flamengo, Gaúcho sabia que não era exatamente um craque com a bola nos pés. Mas não se abateu: no Santo André e no Japão, onde jogou por pouco tempo, destacou-se como o homem das cabeçadas mortais, atraindo o interesse do Palmeiras, em 1989. No Verdão também foi artilheiro do time, mas não encontrava as facilidades que tem hoje, com a camisa rubro-negra. "Sofria com a falta de jogadas pelas pontas", recorda, sem nenhuma saudade.

ARI GOMES

Desde 1989 ninguém, no Rio, marca mais que Gaúcho: a cabeçada é seu ponto forte

1951 1970

Estes vinte anos começam com a depressão da derrota de 50 para acabar na apoteose do Tri. Sempre com o talento dos goleadores

DA AGONIA À GLÓRIA

Que destino estaria reservado ao futebol brasileiro? Como no final de cada capítulo dos dramalhões mexicanos transmitidos pelo rádio, bem ao gosto daqueles tempos, o país ingressou na década de 50 fazendo-se esta pergunta. Os ecos da derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo em pleno Maracanã ainda soavam forte naquele início de década, e mesmo quem fosse diretamente ligado ao esporte mostrava-se temeroso quanto ao seu futuro. A presença do público nos estádios caía assustadoramente. A Seleção, condenada ao ostracismo, só voltaria a campo quase dois anos depois, no Pan-Americano do Chile. E jogadores como Bigode e Juvenal jamais voltariam a vestir sua camisa.

Indiferente a tudo, o futebol prosseguia dentro do campo. Os gols, que sempre foram fartos, continuavam a sair em profusão. A média do Campeonato Paulista de 1951, por exemplo, chegou a 3,8 por partida, a segunda maior dos próximos vinte anos. Tempos de Humberto Tozzi, no Palmeiras; Gino Orlando, no São Paulo; Evaristo, no Flamengo; Vavá, no Vasco; Baltazar, no Corinthians. E o melhor ainda estava por vir, em 1957: Pelé, no Santos. Com ele, três títulos mundiais, para compensar a dor de 1950.

Em meio a essa metamorfose que levou o país da depressão profunda à maior euforia, o segredo de como chegar ao gol continuou sendo fundamental. E baseou-se em alterações menos profundas que as dos primeiros tempos da bola, ainda que importantes. Os homens de frente dificilmente voltavam para além da linha do meio-campo, e, quando o faziam, ainda eram duramente criticados. "Sempre joguei enfiado, no meio dos beques, lado a lado com o centroavante, que era o Baltazar", relembra o exponta-de-lança corintiano Carbone, artilheiro do

Campeonato Paulista de 1951 com trinta gols, nenhum deles de pênalti. "O dia que tentei atrair a marcação do Waldemar Fiúme, em uma partida com o Palmeiras, jogando mais tempo fora da área, a torcida não me perdoou." Vavá, que surgiu no Vasco alguns anos depois, concorda: "Antigamente o jogador ficava mais isolado no centro do ataque. Os demais esperavam rebotes fora da área".

FOTOS ABRIL

Tostão, seis vezes seguidas o maior goleador em Minas: anos de ouro do Cruzeiro

O fato é que, se os técnicos já há algum tempo vinham inventando novos esquemas que congestionavam o gramado, para os jogadores o gol ainda era tudo. Por isso, aprimoravam a pontaria com chutes a gol contra um muro em que se pintavam quatro "alvos", nos ângulos de uma trave hipotética. Alguns treinavam com palmilhas de espuma ou sapatilhas, para, na hora do jogo, com o peso das chuteiras, desenvolver o toque de bola com maior precisão. Ou batiam faltas durante horas, depois do coletivo, contra uma barreira feita de madeira. "Às vezes elas até quebravam", lembra o ponta-esquerda santista Pepe, dono de uma das mais violentas canhotas daqueles tempos e o terceiro maior artilheiro da história do clube, com 405 gols.

Em 1965, a Academia do Verdão veste a camisa do Brasil. E faz 3 x 0 no Uruguai

Coincidência ou não, grandes times se destacavam. E, dentro deles, os grandes ataques. Comandado pelo inigualável Pelé, em parcerias com Pagão, Coutinho e Toninho Guerreiro, o Santos foi o maior deles: ganhou a maioria dos títulos que disputou. Para fazer frente ao Peixe, em São Paulo, só a Academia do Palmeiras, dona de um refinado toque de bola e que por isso ganhou a honra de vestir a camisa da Seleção em um jogo contra o Uruguai, em 1965. No Rio, o Botafogo de Didi e Mané Garrincha, brilhantemente coadjuvados por Paulinho Valentim, Amarildo ou Quarentinha, reinava absoluto. Mais para o fim da década de 60, brilharia a estrela do Cruzeiro, dos implacáveis Tostão e Dirceu Lopes. Frutos de uma evolução que vinha de longe, e que nos rendera nossa primeira Copa. A Seleção embarcou para aquele Mundial da Suécia com uma nova concepção de ataque, baseada no recuo estratégico do extrema-esquerda, Zagalo, e na liberação dos demais homens de frente. O princípio foi mantido em 1962, e aí brilhou Amarildo. Em 1970, com uma versátil formação que contava com Jairzinho, Tostão e Pelé avançados, e Rivelino fazendo a antiga função de Zagalo pela ponta-esquerda, o Brasil pôde gritar pela terceira vez a conquista do mundo. Um fecho com chave de ouro para o período mais feliz da história de nosso futebol.

Amarildo, do Bota ao bi no mundial: decisão na área

LEMYR MARTINS

O Rei Pelé e seu soco no ar: o símbolo maior de toda uma época

CLÁUDIO

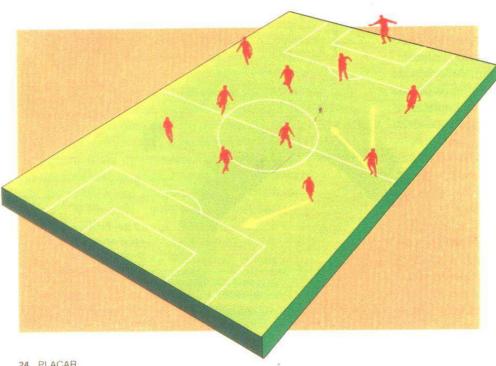
DONO DA REDE JOGAVA NA PONTA

O maior artilheiro da história corintiana não é um homem de área, como pode fazer pensar a presença constante de centroavantes alvinegros entre os goleadores do Campeonato Paulista através dos tempos. Mais gols que Neco, Baltazar e até mesmo Teleco, em números absolutos, só um jogador marcou — e ele atuava na ponta-direita: Cláudio Cristhóvam Pinho, chamado de Gerente por liderar o time campeão paulista de 1951/52 e 1954. "Acho que foi por causa do longo tempo que fiquei no clube", arrisca, quase encabulado por alcançar a marca de 295 gols.

Além dos catorze anos a serviço da camisa alvinegra, entre 1944 e 1958, um outro fato importante contribuiu para que o ponta se destacasse entre os goleadores: era ele, invariavelmente, o encarregado das cobranças de bola parada.

Batendo pênaltis, virou lenda. Conta-se que teria perdido um único, contra o Juventus, defendido pelo já veterano Oberdan Cattani no Campeonato Paulista de 1954. Com um escanteio, alcançou um feito inesquecível: gol olímpico, contra o Palmeiras, logo em sua estréia no alvinegro. Mas foi na cobrança de faltas próximas à área que Cláudio se notabilizou, graças ao efeito que dava à bola. O gol que derrotou o Benfica, na final do Torneio Internacional Charles Miller, em 1955, jamais sairá da memória do goleiro português Costa Pereira, para quem "a bola, traiçoeiramente, fez uma *curvita*". E nem da memória do ponta, que considera o lance como o mais importante de sua carreira.

Cláudio: ninguém fez a Fiel feliz mais vezes que ele

Sua impressionante categoria pela ponta-direita, de onde partiam centros perfeitos ou nasciam jogadas cerebrais, esteve a serviço de todos os grandes clubes de São Paulo. Além do Corinthians, defendeu o Santos (onde começou em 1940), esteve no Palestra Itália (foi campeão em 1942, quando o clube passou a se chamar Palmeiras) e encerrou a carreira no São Paulo, em 1960. Só não conseguiu disputar a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, porque o técnico Flávio Costa preferiu convocar o vascaíno Alfredo, que jogava de lateral, em seu lugar. Mesmo assim, conquistou pela Seleção a Copa Rio Branco, em 1947, e o Sul-Americano de 1949. Mas, com a camisa do Brasil, fez apenas cinco gols.

O ESQUEMA DA VITÓRIA

Tudo começou com Zagalo e seu trabalho de "formiguinha" em auxílio ao meio-campo, na Copa do Mundo de 1958. Com isso, liberava Pelé para, ao lado de Garrincha e Vavá, arrebentar com as defesas das outras Seleções. A partir daí, o que era, teoricamente, um 4-2-4 (quatro zagueiros, dois no meio-campo e os pontas, um centroavante e o ponta-de-lança, todos lá na frente) virou um 4-3-3. Isto é: os dois meio-campistas eram agora auxiliados por um falso ponta (Zagalo em 1958 e 1962, Rivelino em 1970) e três homens ficavam na frente: um ponta nato, o centroavante tradicional e um ponta-de-lança — que, para nossa sorte, era ninguém menos que o incomparável Pelé. Apesar do sucesso do esquema em três Copas do Mundo, ainda se criticaria por anos a fio a mudança de função a que se submeteu um dos pontas tradicionais.

PELÉ

OS FANTÁSTICOS NÚMEROS DO REI

Ele não foi só um goleador. Mas, também nessa especialidade do futebol, tornou-se o maior de todos. Com seus 1 279 gols, Pelé só perde em quantidade para Friedenreich, que teve 1 329 reconhecidos pela FIFA, apesar de não documentados. Em variedade, porém, ninguém fez mais que o Rei.

São dele alguns dos gols mais importantes da história do esporte. O Gol de Placa, que virou sinônimo de conclusão perfeita, em que Pelé driblou meio time do Fluminense e deslocou o goleiro Castilho, ganhou até placa de bronze no Maracanã. O Milésimo Gol, também marcado no maior estádio do mundo, contra o Vasco, de pênalti, para desespero do goleiro Andrada, em 19 de novembro de 1969. Um gol olímpico, em amistoso que o Santos venceu o Baltimore, nos Estados Unidos, em 1973, por 4 x 1. O gol sempre foi tão importante para Pelé que, logo nos primeiros anos de carreira, ele inventou o soco no ar, uma marca registrada dedicada a eternizar o momento, cada vez mais freqüente, em que se encontrava com as redes adversárias. Momento no qual teve, é verdade, muitos parceiros: primeiro Pagão, depois Coutinho — com quem fez as mais perfeitas tabelinhas da história da bola —, Toninho Guerreiro e, na Seleção, Tostão.

A maioria dos recordes de artilharia pertence também ao Rei. Desde que despontou entre os maiores goleadores, em 1957, não teve mais para ninguém. Foi o principal artilheiro paulista por nove anos seguidos, até 1965, feito que repetiria ainda em 1969 e 1973. Em 1958, quebrou o recorde de gols em um só campeonato, fazendo 58 no Paulistão daquele ano. Só contra o Botafogo de Ribeirão Preto, em 1964, deixou oito na goleada do Santos por 11 x 0. É o maior goleador da história da Seleção Brasileira, com seus 97 gols, e do Santos, com 1091. Até o recorde sul-americano de gols contra uma mesma equipe pertence a Pelé. Nenhum outro jogador fez mais contra nenhum clube que os 49 marcados por ele contra o Corinthians, entre 1957 e 1974, quando foi para o Cosmos.

A última obra-prima, já com a camisa do Cosmos, foi em sua despedida, em 1977, justamente contra o Santos. E deixou uma certeza: nunca houve, e dificilmente haverá, alguém que dê ao grito de gol a mesma dimensão que Pelé deu.

ABRIL

De 1957 em diante, não teve para mais ninguém: Pelé foi o maior de todos

AG JB

São dele os gols mais importantes da história. Como o milésimo, contra o Vasco, em 69

A ACADEMIA GAÚCHA

O Palmeiras era chamado de Academia, e apenas um mês antes vencera, com a camisa do Brasil, à Seleção Uruguaia. Em Porto Alegre, no entanto, não teve chances. Pela Taça Brasil de 1965 o Grêmio aplicou 5 x 1 no Verdão, com atuações impecáveis de Alcindo — autor de três gols — e de Volmir, que marcou uma vez. O quinto gol gaúcho foi de Joãozinho, com o volante Zequinha diminuindo para a equipe paulista. Naquele dia, a Academia vestiu camisa tricolor.

EXÓTICA EFICIÊNCIA

Tecnicamente tosco, o ex-centroavante Leônidas, do América carioca, ganhou o "sobrenome" de "Da Selva" para não ser confundido com o craque Leônidas da Silva. Grosso assumido, certa vez pediu a Zizinho, em um jogo da Seleção: "Pára de caprichar tanto. Joga a bola mais para o zagueiro, que aí eu confiro". Só assim conseguiu deixar seu golzinho, contra o Paraguai. É dele também o gol mais estranho da história: plantando bananeira, com a camisa do América, em uma excursão à Turquia.

ABRIL

Pelé, Pagão e Pepe: juntos, 143 gols no Paulistão de 1958

TIME COM P, DE PERIGO

Pelé atingiu a marca recordista de 58 gols em uma única temporada. Pepe, o vice-artilheiro do Santos, fez 27 e Pagão marcou treze. O trio ficou conhecido como Pepepê, lembrando as iniciais dos três craques que juntos fizeram incríveis 98 gols. O Santos, porém, foi além. Marcou 143 gols em 38 jogos, com média de 3,7 por partida. Na rodada final ainda goleou o Guarani por 7 x 1, após vencê-lo por 8 x 1 no primeiro turno. Um ataque inigualável.

ZERO HORA

Centroavante rompedor, Alcindo conferia só pelo "prazer de chacoalhar as redes"

ALCINDO

O GRANDE PRAZER DO BUGRE XUCRO

Alcindo Martha de Freitas gostava tanto de fazer gols que treinava chutes mesmo sem goleiro, "só pelo prazer de chacoalhar a rede". E, se passava uma partida sem marcar o seu, sentia-se na obrigação de fazer dois no jogo seguinte. Graças a essa obsessão, tornou-se o maior artilheiro da história do Grêmio Porto-Alegrense, que defendeu de 1963 a 1971, com 261 gols.

A ida do Bugre Xucro, como era chamado pela torcida, para o tricolor gaúcho teve um gosto especial. Destaque do time juvenil do arquiinimigo Internacional, que foi buscá-lo em Sapucaia, sua terra natal, o implacável artilheiro foi praticamente roubado pelo Grêmio. Passou um ano emprestado ao Rio Grande para adquirir experiência e, ao mesmo tempo, permanecer escondido dos cartolas colorados, que pensavam recuperá-lo a qualquer preço.

De volta ao time titular do Grêmio, Alcindo não saiu mais. Velocíssimo (era imbatível nos treinos em 100 m rasos), seu forte era o giro rápido, para o pique ou chute, de direita e esquerda. Com estas características, chegou facilmente à artilharia dos Campeonatos Gaúchos de 1965, com 21 gols, e 1968, com doze. Nos Gre-Nais, parecia ter um prazer especial em chegar às redes de Carlos Gainete, o goleiro colorado da época.

Convocado para a Seleção Brasileira em 1966, na Inglaterra, chegou a ser titular nas partidas contra Bulgária e Hungria. Foram, ao todo, sete jogos e um gol, na partida de estréia (4 x 1 contra a Polônia) com a camisa amarela do Brasil. Depois esteve no Santos e América do México, mas em 1977 voltaria ao Grêmio para saldar uma antiga dívida com a torcida tricolor: a conquista do Campeonato Gaúcho, que não vinha desde 1968. Sempre com a mesma fome de gol do velho Bugre Xucro dos bons tempos. Bem ao gosto do futebol gaúcho.

VAVÁ

VOCAÇÃO PARA PEITO-DE-AÇO

Quando Edwaldo Izídio Netto, o Vavá, deixou de ser armador no Sport Recife para jogar de centroavante, estava tomando, sem saber, a atitude mais acertada de sua vida. Que outro lugar seria mais adequado para desenvolver suas qualidades de trombador oportunista e raçudo que o meio da área, onde se joga enfiado entre os beques? Ali, Vavá era rei.

ABRIL

Vavá: nascido para "matador"

Mais que isso: seus gols, conquistados à custa de pura valentia, valeram-lhe o apelido de Peito-de-Aço.

Campeão carioca em 1956 e 1958, pelo Vasco, jamais foi artilheiro em campeonatos estaduais. Mas na Seleção Brasileira, onde foi bicampeão mundial em 1958 e 1962, deixou sua marca. Um dos maiores goleadores com a camisa amarela, fez exatos quinze gols em quinze jogos. Dois deles contra a Suécia, em 1958, e um contra a Tchecoslováquia, em 1962, sempre em finais de Copas. Jogou ainda no Atlético de Madrid e na Academia do Palmeiras, campeão paulista de 1963.

ARTILHEIROS DE 1951 A 1970

ANO	SÃO PAULO	Nº DE GOLS	RIO DE JANEIRO	Nº DE GOLS	MINAS GERAIS	Nº DE GOLS	RIO GRANDE DO SUL	Nº DE GOLS
1951	CARBONE (Corinthians)	30	CARLYLE (Fluminense)	23	LUCAS MIRANDA (Atlético)	16	—	
1952	BALTAZAR (Corinthians)	27	ZIZINHO E MENEZES (Bangu)	19	VAVÁ (Atlético)	16	—	
1953	HUMBERTO (Palmeiras)	22	BENÍTEZ (Flamengo)	22	UBALDO (Atlético)	13	—	
1954	HUMBERTO (Palmeiras)	36	DINO DA COSTA (Botafogo)	24	JOEL (Atlético)	11	—	
1955	DEL VECCHIO (Santos)	23	PAULINHO (Flamengo)	23	TOMAZINHO (Atlético)	15	—	
1956	ZEZINHO (São Paulo)	18	VALDO (Fluminense)	31	TOMAZINHO (Atlético)	15	—	
1957	PELÉ (Santos)	36	PAULO VALENTIM (Botafogo)	22	MILTINHO (América)	12	—	
1958	PELÉ (Santos)	58	QUARENTINHA (Botafogo)	19	UBALDO (Atlético)	13	—	
1959	PELÉ (Santos)	45	QUARENTINHA (Botafogo)	25	ELMO (Cruzeiro)	15	—	
1960	PELÉ (Santos)	33	QUARENTINHA (Botafogo)	25	ELMO (Cruzeiro)	13	(1) IVO DIOGO (Inter)	18
1961	PELÉ (Santos)	47	AMARILDO (Botafogo)	18	ROSSI (Cruzeiro)	14	SAPIRANGA (Inter)	18
1962	PELÉ (Santos)	37	SAULZINHO (Vasco)	18	NÍLSON (Atlético)	9	P. LUMUMBA (Grêmio) e GIOVANI (Floriano)	18
1963	PELÉ (Santos)	22	BIANCHINI (Bangu)	18	VILADÔNEGA (Atlético)	12	MARINO (Grêmio)	19
1964	PELÉ (Santos)	34	AMOROSO (Fluminense)	19	JAIR BALA (América)	25	OLI (Aimoré)	10
1965	PELÉ (Santos)	49	AMOROSO (Fluminense)	10	TOSTÃO (Cruzeiro)	17	ALCINDO (Grêmio)	16
1966	TONINHO (Santos)	27	PAULO BORGES (Bangu)	16	TOSTÃO (Cruzeiro)	18	SAPIRANGA (Inter)	13
1967	FLÁVIO (Corinthians)	21	PAULO BORGES (Bangu)	13	TOSTÃO (Cruzeiro)	20	NICO (Riograndense)	13
1968	TÉIA (Ferroviária)	20	ROBERTO (Botafogo)	13	TOSTÃO (Cruzeiro)	25	ALCINDO (Grêmio)	15
1969	PELÉ (Santos)	26	FLÁVIO (Fluminense)	15	TOSTÃO e D. LOPES (Cruzeiro)	14	PARAGUAIO (Cruzeiro)	18
1970	TONINHO (São Paulo)	13	FLÁVIO (Fluminense)	18	TOSTÃO (Cruzeiro)	11	CLAUDIOMIRO (Inter)	10

(1) Ano em que o Campeonato Gaúcho passou a ser disputado com jogos de todos contra todos. Até então, era disputado apenas pelos campeões das regiões, e por isso não há registro oficial dos artilheiros.

HERÓI DO AVESSO

Gol contra também vale, e quem faz mais também é artilheiro — só que negativo. E nunca ninguém balançou tantas vezes suas próprias redes que o infeliz Branco, zagueiro do Metropol de Teresina, em um amistoso entre juvenis contra o Flamengo-PI. Foram nada menos que quatro gols contra marcados por ele. A vitória, porém, foi do Metropol por 5 x 4, mas Branco, mesmo assim, resolveu mudar de profissão: hoje, é magistrado em Teresina.

NÃO BASTAVA MARCAR

Coutinho, centroavante santista entre 1960 e 1967, jogou pouco, sempre atrapalhado por constantes problemas de peso. Mas sempre manteve uma ótima média de gols por ano — que chegou a vinte só na campanha do tricampeonato santista, entre 1960 e 1962. Só neste último ano marcou 32 gols em 22 jogos. A concorrência, porém, era muito forte: com Pelé e Pepe jogando a seu lado, Coutinho jamais conseguiu ser artilheiro nos campeonatos que disputou no Brasil.

LEMYR MARTINS

Com a média de vinte gols por ano, Coutinho era sempre o terceiro

127 EM UM ANO

Pelé é o jogador que mais gols fez em uma única temporada no futebol brasileiro. Em 1959, marcou 127, sendo 101 apenas pelo Santos (foi artilheiro do Campeonato Paulista com 45). Além deles, marcou onze pela Seleção Brasileira, um pela Seleção Paulista, onze pelo time da Sexta Guarda Costeira e três pela Seleção das Forças Armadas — fazia Serviço Militar. Os gols deram bons resultados. O Santos foi campeão do Torneio Rio-São Paulo.

AG. JB

Não bastassem seus dribles fantásticos, Mané foi também o maior goleador do Bota

GARRINCHA

EFICIÊNCIA DE PERNAS TORTAS

Gênio. É essa invariavelmente a primeira palavra que vem à mente quando se fala em Garrincha. Dava dribles fantásticos, consagrava centroavantes com cruzamentos e levava à loucura todos os seus marcadores. Poucos atentam, no entanto, para uma outra qualidade do craque das pernas tortas: Garrincha também era um artilheiro. Em dez anos de Botafogo, marcou 232 gols, tornando-se o maior goleador da história do clube, à frente de Carvalho Leite, que fez 175.

E, quando marcava, parecia ter uma inspiração superior à de qualquer camisa 9, em tese, especialistas na arte de colocar a bola na rede. Em 1958, por exemplo, fez um dos gols mais belos da história do Maracanã, driblando toda a defesa vascaína, o goleiro e concluindo entre a trave e o zagueiro Bellini.

Na Copa do Mundo de 1962, porém, não se importou com a beleza e marcou como lhe foi permitido. Até de cabeça — contra Inglaterra e Chile — e de pé esquerdo — também contra os chilenos — ele deixou sua marca sem se importar com o fato de serem o chute de canhota e o cabeceio as suas duas maiores deficiências. Com esses gols, e mais um de fora da área que fez contra os ingleses, tornou-se o artilheiro do Mundial ao lado de Vavá, do chileno Sánchez, do húngaro Albert, do iugoslavo Serkovic e do soviético Ivanov, todos com quatro gols.

Para os botafoguenses, no entanto, essa façanha não chegou a encobrir o brilho dos dois que marcou na final do Campeonato Carioca de 1962, contra o Flamengo, garantindo a conquista do título. Garrincha só não reproduziu a mesma quantidade de gols no final da carreira. Em sua passagem pelo Flamengo, fez apenas quatro; no Corinthians, dois; e no Olaria, somente um. Mesmo assim, deixou uma imensa saudade em todos os que o viram em ação, criando e concluindo para alegria do Brasil inteiro.

CARLYLE

O GALO SEM FALSA MODÉSTIA

A melhor definição sobre Carlyle foi feita pelo próprio jogador, pouco antes de morrer atropelado, em 1982. "Eu não era um craque. Mas era um grande goleador", afirmou. Pura verdade. Quantas vezes os atleticanos dos anos 40 vibraram com seus gols, completando os cruzamentos perfeitos do ponta-direita Lucas Miranda? E Carlyle os marcava jogando tanto no comando do ataque quanto na meia-direita, posição em que foi eleito o melhor da história atleticana. Seu rendimento provocou a transferência para o Fluminense, onde foi campeão e artilheiro carioca em 1951, com 23 gols. Jogou também no Botafogo e formou no ataque com um garoto recém-chegado ao clube e que, mais tarde, se tornaria um fenômeno do futebol mundial: Garrincha. Na Seleção Brasileira, no entanto, fez apenas uma partida, em uma derrota por 4 x 2 para o Uruguai, em 1948, mas, mesmo assim, deixou claro com um gol que a definição feita mais tarde estava correta: Carlyle foi um goleador excepcional.

Carlyle: não era craque, mas artilheiro

TONINHO GUERREIRO

RIVAL ATÉ DE SUA MAJESTADE

Nem Pelé conseguiu alcançá-lo. Em pouco mais de dez anos de carreira, Antônio Ferreira, o Toninho Guerreiro, tornou-se o único jogador da história a conquistar cinco vezes consecutivas o título paulista. Foi tri entre 1967 e 1969, pelo Santos, e bi, em 1970 e 1971, no São Paulo. E não são estas as suas únicas glórias. Logo após sua chegada à Vila Belmiro, em 1962, contratado ao Noroeste de Bauru, ganhou o primeiro título do tricampeonato de 1962, 1963 e 1964, do qual participou integralmente. Centroavante rompedor e de muita raça, foi o artilheiro do Campeonato Paulista de 1966 com 27 gols, quebrando a longa hegemonia de Pelé, que nos oito anos anteriores sagrara-se goleador máximo do certame. Nas duas temporadas seguintes, não foi o artilheiro, façanhas de Flávio, em 1967, e Téia, em 1968. Mesmo assim, superou o Rei Pelé e foi goleador do Santos com dezessete e dezenove gols respectivamente. Não satisfeito, repetiu a artilharia do campeonato em 1970 (treze gols) e 1972 (quinze), já no São Paulo. Só não teve a mesma sorte na Seleção. Fez apenas uma partida. Mas marcou um gol.

FOTOS ABRIL

Toninho: o primeiro a desbancar o Rei

O CLÁSSICO IMORTAL

Foi um jogo inesquecível que ficou marcado pelo placar: Santos 7 x Palmeiras 6, pelo Torneio Rio-São Paulo de 1958. Urias fez 1 x 0 para o alviverde, mas Pelé e Pagão viraram o marcador. Nardo empatou e, ainda no primeiro tempo, Dorval, Pepe e Pagão deram aos santistas a vantagem de 5 x 2. Mazzola, Paulinho, Urias e Ivan colocaram o Verdão na frente: 6 x 5. Mas não teve jeito. Com dois gols de Pepe, o Santos pulou para 7 x 6, completando o clássico de treze gols.

JOGADOR DE DECISÃO

Tremer era um verbo que não existia no vocabulário de Paulo Valentim. Principalmente em finais. Em 1957, o centroavante botafoguense fez cinco gols na goleada por 6 x 2 sobre o Fluminense que deu ao clube o título carioca daquele ano. E ainda ultrapassou o flamenguista Dida na briga pela artilharia. Até a decisão, Dida tinha vinte gols e Paulo Valentim apenas dezessete. Com os cinco contra o Fluminense, o botafoguense atingiu os 22 e sagrou-se goleador do certame.

Lierte, Zé Amaro, Ipojucan, Aírton e Edmur: 8 x 0 em cima do Peixe, em 1955

FESTA PORTUGUESA

O Santos começava a despontar como uma grande equipe em 1955 e conquistou o título com dezenove vitórias e 51 gols em 26 partidas. Mas teve uma pedra em seu sapato. A Portuguesa, campeã do Rio-São Paulo naquele ano, humilhou os santistas com impiedosos 8 x 0. A linha inesquecível dos lusos era formada por Lierte, Zé Amaro, Ipojucan, Aírton e Edmur.

ESSA LINHA É FOGO

O Botafogo é o time que mais vezes teve o artilheiro do Campeonato Carioca entre 1951 e 1970. Foram sete: Dino da Costa, em 1954; Paulo Valentim, em 1957; Quarentinha, em 1958, 1959 e 1960; Amarildo, em 1961; e Roberto Miranda, em 1968. Atrás aparecem o Fluminense, com seis vezes, Bangu, com cinco, Flamengo, duas vezes, e Vasco, com apenas um artilheiro.

CINCO PARA O BRASIL

Evaristo marcou apenas catorze gols pela Seleção Brasileira, mas é o recordista de gols em um único jogo. Aconteceu em 23 de março de 1957, na goleada do Brasil sobre a Colômbia por 9 x 0, pelo Campeonato Sul-Americano. Marcou cinco vezes. A goleada foi completada com gols de Didi (2), Zizinho e Pepe. O recorde só foi igualado em 1978, por Zico, que fez os mesmos cinco, mas em um amistoso contra um combinado do Estado do Rio de Janeiro, que terminou em 7 x 0.

ABRIL

Garrincha, Didi, Amoroso, Amarildo e Zagalo: 54 gols e quatro campeões do mundo

O INÍCIO DO BI

Garrincha, Didi, Amoroso, Amarildo e Zagalo. Com esse ataque o Botafogo começou a campanha do bicampeonato, em 1961. Fez 25 partidas, com dezoito vitórias, seis empates e apenas uma derrota, por 1 x 0, para o América. Fez 54 gols e abriu o caminho para o bi em 1962, quando teve apenas uma alteração: Quarentinha, já recuperado de uma cirurgia, entrou no lugar de Amoroso. Foi, na verdade, uma troca de artilheiros, pois, vestindo a camisa do Fluminense, Amoroso se tornaria artilheiro carioca em 1964 (dezenove gols) e 1965 (dez).

FLÁVIO

ATACANDO COM QUALQUER CAMISA

Nenhum clube conseguiu prendê-lo por muito tempo. Quem esteve mais perto foi o Internacional, por onde passou duas vezes — entre 1961 e 1964 e em 1975 —, marcando 84 gols e ganhando o apelido de Minuano. Mas todas as torcidas que viram Flávio em ação sentiram o prazer de comemorar seus gols. Ao todo foram 603, com nove camisas: Internacional, Corinthians, Fluminense, Porto, Pelotas, Santos, Figueirense, Brasília e Wilstermann, da Bolívia. De quebra, foi artilheiro do Campeonato Carioca duas vezes pelo Fluminense, em 1969 e 1970, com quinze e dezoito gols respectivamente; do Paulista, pelo Corinthians, em 1967, com 21; do Brasileiro, pelo Internacional, em 1975, com dezesseis gols; e do Gaúcho, pelo modesto Pelotas, em 1977, com dezenove. Mas nem assim mostrava-se satisfeito. "Na minha cabeça, fiz mais de mil", garante o artilheiro, sem modéstia.

SEBASTIÃO MARINHO

Flávio comemorou mais de seiscentas vezes

DIDA

O PRÍNCIPE RUBRO-NEGRO

O Flamengo precisava da vitória a todo custo na terceira partida das finais do Campeonato Carioca de 1955, contra o América. Havia vencido por 1 x 0 o primeiro jogo e perdido o segundo por humilhantes 5 x 1. Foi então que o técnico Fleitas Solich decidiu lançar o garoto Dida, de 21 anos, recém-promovido dos aspirantes e que havia chegado ao clube há menos de um ano. O estreante marcou um gol na vitória por 4 x 1 que deu o tri aos rubro-negros e acabou aclamado o melhor em campo. Mas não foi só por isso que esse alagoano de Maceió (26/3/1934), de chute perfeito com os dois pés, virou ídolo do Flamengo, onde jogou até 1964. Com 224 gols, é o segundo maior artilheiro do clube, atrás apenas de Zico, que fez 508. Dida também foi campeão do mundo em 1958 — jogou contra a Áustria — e, mesmo no fim da carreira, foi um dos destaques da Portuguesa, que só perdeu o título de 1964 na final contra o Santos.

AG. JB

Dida: no Fla, só Zico marcou mais que ele

Formando uma dupla infernal com Dirceu Lopes, Tostão foi o maior artilheiro de Minas Gerais no fim dos anos 60

TOSTÃO

A ESTRELA CRUZEIRENSE

O Cruzeiro do início dos anos 60 pouco representava nacionalmente, e mesmo em Minas Gerais disputava com o América a glória de ser a segunda equipe do Estado, atrás do Atlético. Foi quando chegou ao clube, pelas mãos do diretor Felício Brandi, um garoto hábil, de dribles curtos, capaz de transformar um palmo de grama em um espaço suficiente para jogadas fantásticas. O garoto era Tostão.

Não demorou para o menino, que desembarcou na Toca da Raposa em 1963, assumir seu lugar no time titular. Em 1965, aos 18 anos de idade (nasceu em 25 de janeiro de 1947), já era campeão mineiro e artilheiro do certame com dezessete gols. O título estadual se repetiria até 1969, dando um inédito pentacampeonato ao clube, enquanto Tostão continuaria como o goleador máximo de Minas Gerais até 1970, embora dividindo a primazia com Dirceu Lopes em 1969. Se não bastasse, tornou-se o maior artilheiro cruzeirense de todos os tempos, com 240 gols entre 1963 e 1972, quando se transferiu para o Vasco.

O craque, por tudo isso, foi uma figura importante para firmar o nome do Cruzeiro no cenário nacional. Em 1966, o clube chegou à final da Taça Brasil contra o Santos de Pelé. No primeiro jogo, goleou impiedosamente por 6 x 2 no Mineirão. Na segunda, venceu de virada em pleno Pacaembu por 3 x 2. Só então todo o Brasil percebeu que o Cruzeiro não era uma equipe qualquer. Nesse mesmo ano, o craque disputava, com apenas dezenove anos, sua primeira Copa do Mundo, na Inglaterra.

E nem a eliminação na primeira fase desse Mundial, nem o deslocamento na retina de seu olho esquerdo, provocado por uma bolada desferida pelo zagueiro corintiano Ditão, em 1969, atrapalharam sua carreira na Seleção. Foi artilheiro das Eliminatórias de 1969 (dez gols) e eternizou-se no ano seguinte com o tricampeonato no México. Mais tarde, transferido para o Vasco, a contusão no olho se agravaria, provocando o encerramento prematuro da carreira em 1973. Fez seu último gol em 10 de fevereiro, dando ao time vascaíno a vitória de 1 x 0 sobre o Flamengo.

ALEGRIA DOS *TIFOSI*

Ele deixou o Palmeiras chamando-se Mazzola, disputou a Copa do Mundo de 1958 (fez dois gols contra a Áustria) e desembarcou na Itália para ser chamado de Altafini. Jogou no Milan, Napoli e Juventus e foi um dos artilheiros brasileiros que mais sucesso fizeram no exterior. Na Europa, fez 459 jogos e 216 gols, média de 0,47 por partida. E ainda atuou seis vezes pela Seleção da Itália, beneficiado por sua ascendência italiana, fazendo cinco gols.

Mazzola saiu do Brasil para a Itália, onde fez 459 jogos e 216 gols

103 VEZES TIMÃO

Não havia como tirar o título do Corinthians em 1951. Seu ataque marcou 103 gols em 28 jogos, com média de 3,6 por partida. Contando-se apenas os de Carbone (artilheiro do campeonato com 30) e Baltazar (que fez 25), a soma chegou a 55. Se não bastasse, o Timão aplicou pelo menos três goleadas inesquecíveis: 9 x 2 no Comercial e 7 x 1 no Jabaquara no primeiro turno; e 7 x 2 no Juventus no segundo.

Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Mário: o ataque corintiano conferiu 103 vezes

BALTAZAR

ENCABEÇANDO AS ARTILHARIAS

No início da década de 50, não havia lista de artilheiros que não começasse com o nome de Osvaldo Silva, ou Baltazar, o Cabecinha de Ouro do Corinthians. A maioria dos gols que lhe davam tamanha primazia era feita, invariavelmente, de cabeça. Assim, Baltazar alcançou a liderança entre os goleadores do primeiro Torneio Rio-São Paulo, em 1950, com nove gols, e do Campeonato Paulista de 1952, com 27.

"Nunca fui muito bom com os pés, mas, pelo alto, nem Pelé foi tão eficiente", costumava comparar. Suas subidas entre os zagueiros, no mais das vezes tentando aproveitar os cruzamentos do ponteiro Cláudio, inspiraram os versos de um samba muito popular em São Paulo naquela época, da autoria de Alfredo Borba, que dizia: "Gol de Baltazar/ Gol de Baltazar/ Salta o Cabecinha, 1 x 0 no placar".

Campeão pelo Corinthians em 1951/52 e 1954, disputou a Copa do Mundo da Suíça e fez um gol.

Baltazar: perfeito nas bolas altas

FOTOS ABRIL

HUMBERTO TOZZI

TROMBADOR VESTIDO DE VERDE

Antes de se deliciar com o estilo elegante de alguns craques que vestiriam a camisa verde nas décadas de 60 e 70, a torcida do Palmeiras acostumou-se com o estilo trombador, raçudo e oportunista do centroavante Humberto Tozzi. Vindo do São Cristóvão, este fluminense de São João de Meriti chegou ao Parque Antártica para ser o artilheiro do Campeonato Paulista em dois anos seguidos — 1953, com 22 gols, e 1954, com 36.

Antes, convocado para a Seleção Brasileira que disputou as Olimpíadas de Helsinque, em 1952, Humberto já se destacara como o artilheiro do time, marcando dois gols (contra Holanda e Luxemburgo) em três jogos, o que lhe garantia a camisa titular do Brasil na Copa da Suíça, dois anos depois.

Em 1956 acabou indo para a Lázio, da Itália, mas voltaria ao clube em 1960, a tempo de conseguir pelo Palmeiras seu único título: o de campeão da Taça Brasil. Em 1963, Humberto Tozzi encerraria sua carreira, defendendo a Portuguesa de Desportos, depois de uma rápida passagem pelo Fluminense, onde igualmente deixou sua marca de goleador.

O trombador Humberto Tozzi: goleador paulista em 53 e 54

QUARENTINHA

SANGUE-FRIO PARA CONCLUIR

O gol podia definir um título ou garantir a artilharia de um campeonato, não importava: a tranqüilidade era sempre a mesma. Na hora de concluir, Quarentinha possuía o sangue-frio de um puro matador e, na comemoração, apenas caminhava para seu campo de defesa. Para quem estranhava seu comportamento, ele tinha a resposta na ponta da língua: "Sou pago para marcar gols, não faço mais do que minha obrigação".

E como marcava. Contratado pelo Botafogo em 1954, Quarentinha teve que ser emprestado ao Bonsucesso para fugir da concorrência de atacantes como Carlyle e Dino da Costa. Em 1956, chegou a vice-artilheiro do Campeonato Carioca pelo pequeno clube e, de quebra, marcou o gol da vitória de 1 x 0 do Bonsucesso sobre o Botafogo. Depois, na volta a General Severiano, tornou-se goleador dos campeonatos de 1958, com 19 gols, 1959 e 1960, ambas as vezes com 25. A frustração só veio em 1962, com a ausência na Copa do Mundo do Chile, devido a uma operação dos meniscos feita no ano anterior. Mesmo assim, seu talento não ficou fora da Seleção. Disputou catorze jogos oficiais com a camisa canarinho e marcou quinze gols, com média de mais de um por jogo.

AG. O GLOBO

Quarentinha não comemorava: só marcava

LARRY E BODINHO

A DUPLA DINÂMICA DO INTER

Um deles defendia a camisa colorada desde o começo dos anos 50. Maior artilheiro do futebol gaúcho na média de gols por partida em todos os tempos, passou do comando do ataque para a meia-direita com a chegada do seu fiel companheiro, em 1953. Grande cabeceador, chamavam-no Bodinho.

O outro veio do Fluminense, do Rio, e trouxe para o Sul a idéia de que o centroavante podia ser também um preparador de jogadas. Chamavam-no o Cerebral Larry. Ele e Bodinho nasceram um para o outro.

À base de eletrizantes tabelinhas, a dupla encantou o Rio Grande do Sul, levando os gremistas ao desespero nos anos 50. Só no campeonato de 1955, marcaram 45 vezes em dezoito jogos (Larry fez 20 e Bodinho, 25 gols). Até 1959, quando Bodinho deixou o clube, o torcedor do Inter acostumou-se a vê-los juntos em campo como se fossem um só. E até hoje lembra com saudade os sem-pulos de Bodinho, o camisa 8; e os toques sutis de Larry, o camisa 9. Síntese de pura arte, proporcionada pela dupla dinâmica do colorado.

Larry e Bodinho levaram os gremistas à loucura

OS GOLS DO INVICTO

Entre 1967 e 1970 o Cruzeiro, embora sofrendo derrotas em outros torneios, ficou setenta partidas invicto no Campeonato Mineiro. Sua grande arma era o ataque, composto por Natal, Tostão, Evaldo, Dirceu Lopes e Hílton Oliveira, que fez, neste período, 173 gols só pelos campos das Minas Gerais, com média de 2,47 por jogo, e conquistou invicto o bicampeonato de 1968 e 1969, completando o penta iniciado em 1965. O recorde de invencibilidade, porém, pertence a Botafogo e Flamengo, com 52 partidas consecutivas.

LEMYR MARTINS

Jairzinho marcou em todos os jogos da Copa de 1970

SEM PASSAR EM BRANCO

Jairzinho marcou gols em todos os jogos do Mundial de 1970. Foram sete em seis jogos: Tcheco-Eslováquia (2), Inglaterra, Romênia, Peru, Uruguai e Itália. Assim, igualou um feito conseguido anteriormente apenas pelo francês Fontaine, em 1958, e pelo uruguaio Ghighia, em 1950. Apesar disso, foi somente o vice-artilheiro da Copa do México, que teve como principal goleador o alemão Gerd Müller, com treze. Müller, curiosamente, porém, não marcou contra o Uruguai, na decisão de terceiro e quarto lugares. O gol foi de Overath.

1931 1950

No profissionalismo, gols já não saem de graça. Tanto para os clubes quanto para os artilheiros, que conhecem um sistema mais defensivo

O PREÇO DE CADA VITÓRIA

A paixão estava ainda viva na ponta de cada chuteira, mas os tempos já não eram tão românticos. Os antigos jogadores oriundos de famílias aristocráticas e de nomes pomposos das primeiras décadas aos poucos cederam seus lugares a atletas vindos das camadas sociais mais populares e os salários começavam a ser distribuídos às claras pelos clubes. O profissionalismo chegou em 1933 ao Brasil e diminuiu a quantidade de goleadas históricas — às vezes até superiores a vinte gols de diferença —, já que as vitórias deixavam de ser um puro prazer e passavam a obrigação. O resultado dessas mudanças não demorou a aparecer. Apesar de extremamente ofensivos, os times mostravam também preocupações defensivas até então praticamente inexistentes.

A tendência começou na Inglaterra, com o técnico do Arsenal, Herbert Chapman, que recuou o *center-half* (centro-médio) até a linha de zagueiros e fez com que os meias voltassem para começar a armar as jogadas. O desenho formado pelo posicionamento dos jogadores originou o nome: *WM*. O esquema espalhou-se rapidamente. A Áustria, quarta colocada na Copa do Mundo de 1934, modificou um pouco a idéia original. O centroavante Mathias Sindelar, aproveitando sua habilidade — era até chamado de Homem de Papel por tanta técnica —, também recuava para a armação, liberando apenas os pontas Zischek e Viertl.

Ao Brasil, no entanto, o WM original só chegou em 1937, com a contratação do técnico húngaro Dori Kruschner, pelo Flamengo. "Até ali nosso futebol era primário", confessa o ex-técnico Flávio Costa. Discípulo de Kruschner, com quem trabalhou como auxiliar no Flamengo, foi ▶

próprio Flávio Costa que fez as primeiras adaptações do esquema tático ao estilo brasileiro. Preocupado em privilegiar o talento de um dos grandes artilheiros da época, Ademir de Menezes, ele adiantou um dos meias, encostando-o no centroavante. Para não perder a força de marcação, atrasou um dos médios até a linha dos *backs*. Batizou o esquema de Diagonal e conseguiu resultados muito positivos. Primeiro no Vasco, que chegou a fazer 68 gols em vinte partidas no Campeonato Carioca de 1947 e ficou conhecido como Expresso da Vitória. Depois na Seleção Brasileira de 1950, que encantou o mundo, marcou 22 gols em seis partidas — média de 3,6 —, mas acabou o Mundial apenas com o vice-campeonato.

FOTOS ABRIL

Galo, campeão de 36: em onze jogos, 48 gols

Mesmo os clubes que utilizavam o WM original, porém, conseguiam resultados satisfatórios. Tanto que vários goleadores se consagraram jogando nesse esquema. No início do profissionalismo e logo após a chegada de Kruschner ao Brasil, o mundo inteiro despertou pela primeira vez para o talento do futebol brasileiro no Mundial de 1938, quando Leônidas da Silva tornou-se o artilheiro daquela Copa, com 8 gols, e ganhou um apelido eterno: Diamante Negro. Mas havia outros que apaixonaram tanto os torcedores da época quanto os craques do início da história do futebol. Carvalho Leite, no Botafogo, Lima, no Palmeiras, Servílio, no Corinthians, eram os exemplos mais claros de que, apesar das preocupações defensivas serem maiores, os ídolos ainda eram os grandes goleadores.

Leônidas, no São Paulo: média de um gol por jogo pela Seleção

Servílio e Teleco *(no destaque)*: artilheiros não faltavam ao Timão

O único problema para os torcedores que estavam acostumados aos tempos do amadorismo era não poder mais contar com o desprendimento e a abnegação daquela época. Percebia-se isso a cada vez que um jogador trocava de clube para receber um salário maior em um rival e, principalmente, quando os torcedores se viam privados do talento de seus ídolos por transações internacionais. Leônidas, antes mesmo de se consagrar na Copa do Mundo de 1938, chegou a jogar no Peñarol de Montevidéu. Da mesma maneira, Petronilho de Brito (irmão de Waldemar e, para muitos, o verdadeiro inventor da bicicleta) deixou o país no começo dos anos 30 e rumou para a Argentina, onde defendeu o San Lorenzo de Almagro, assim como vários outros deixaram o país em busca do dinheiro que já começava a movimentar o futebol mundial. Mas eles acabavam sempre voltando para alegrar as tardes de domingo dos brasileiros com sua arte e seus gols. Eram profissionais, porém ainda não muito.

Pedro Amorim, Hércules e Milani: gols no Flu de ponta a ponta

RECORDE NORDESTINO

Em 1945 o centroavante do Náutico, Tará, deu ao futebol pernambucano um recorde nacional. Com nove gols na vitória por 21 x 3 sobre o Flamengo-PE, ele tornou-se o jogador que mais marcou em uma única partida ao lado de Gilbert, do Botafogo, que fez o mesmo número em 1909. O recorde foi batido em 1976 por Dario, que marcou dez no Santo Amaro. Mas muitos que assistiram à partida em 1945 garantiam que um gol anotado na súmula para Hilton na realidade teria sido também de Tará. "O juiz errou na conta", garantiu o próprio artilheiro em 1974.

Tará: nove gols pelo Náutico, na maior goleada pernambucana

NÁUTICO INSUPERÁVEL

Tará não perdeu, no entanto, uma outra marca. A partida entre Náutico e Flamengo-PE ficou até hoje com a honra de ser a maior goleada do futebol local. Ao lado de Tará, marcaram para o Náutico: Luiz (5), Plinio (3), Hermenegildo (2), Edvaldo e o contestado Hilton, com um gol cada. Para o Flamengo marcaram Dias (2) e Francisco. O goleador do Náutico no final do campeonato, porém, foi mesmo Tará, com 29 gols que ajudaram seu time a ser o campeão.

PALESTRA MATA TIMÃO

O Corinthians tentou de toda maneira adiar o jogo de 5 de maio de 1933 contra o Palestra Itália, pois havia vendido Del Debbio, De Maria, Rato e Guimarães para o futebol italiano. Não conseguiu. E foi vítima da maior goleada da história do clássico: 8 x 0, com quatro gols de Romeu Pelicciari, três de Imparato e um de Gabardo. O resultado provocou uma crise no Timão e a queda do presidente Alfredo Schurig, hoje nome do Parque São Jorge.

FOTOS ABRIL

O camisa 9 contra o Palestra Itália, rival preferido: bola na área era um perigo

TELECO

O MAIS FIEL DOS CENTROAVANTES

Jamais houve um jogador com tanta vocação para o gol com a camisa de centroavante do Corinthians. Nos dez anos em que permaneceu no clube — entre 1934 e 1944 —, Teleco conseguiu a incrível marca de 243 gols em 234 jogos, o equivalente a mais de um por partida. Os gols colocaram-no na história como o maior artilheiro, em média, entre todos os que vestiram a camisa corintiana — em números absolutos, o goleador é o ponta-direita Cláudio, com 295.

Teleco chegou ao Corinthians em 1934, vindo do Britânia do Paraná. E sua importância logo se refletiu nos resultados da equipe dentro de campo. Sem conseguir um título desde 1930, o Timão venceu os Campeonatos Paulistas de 1937, 1938, 1939 e 1941, sempre com Teleco. Se não bastasse, foi o artilheiro dos campeonatos de 1935 e 1936, em ambos com nove gols; 1937, com quinze; 1939, com 32; e 1941, com 26.

Mas, além de marcar, Teleco tinha estilo. Em qualquer posição da grande área, apanhava a bola em viradas fantásticas, colocando-a nas redes. Por isso, rapidamente ganhou um apelido da Fiel: Rei da Virada. Mas havia mais um motivo para os corintianos o idolatrarem. Logo em seu primeiro clássico contra o Palestra Itália — hoje Palmeiras —, em 1934, o goleiro adversário, Nascimento, passou toda a partida provocando-o. A vitória por 1 x 0 não contentou o artilheiro, que elegeu o Palestra seu mais odiado rival. "Não gosto desses italianos", chegou a afirmar ao colega de time Servílio. Só não conseguiu uma glória: vestir a camisa da Seleção Brasileira. Chegou a ser convocado para a Copa Rocca, em 1937, mas a falta de passaporte impediu sua viagem. Azar dos torcedores brasileiros, que não puderam comemorar seus gols, a exemplo do que sempre fizeram os felizes corintianos.

CARLITOS

O IMPOSSÍVEL ERA COM ELE

Carlitos em campo: certeza de festa

Já naquela época não era fácil para um ponta-esquerda tornar-se um grande artilheiro, embora alguns até conseguissem a façanha. No Rolo Compressor, apelido do fabuloso time do Internacional dos anos 40, no entanto, havia um ponta que conseguia ainda mais. Seu chute forte de pé esquerdo era uma arma que oferecia gols de todas as maneiras para os colorados. Por isso, a torcida não teve dúvidas em lhe chamar de o Homem dos Gols Impossíveis.

Um deles, feito no empate em 4 x 4 contra o Cruzeiro de Porto Alegre, em 1945, ficou conhecido como o gol do plano inclinado, passando a ilustrar flâmulas que percorreram Porto Alegre durante anos. Aproveitando uma falha do zagueiro Nélson Adams, Carlitos disparou atrás da bola e, percebendo que passara do lance, jogou o corpo para trás cabeceando completamente contorcido. Em 1944, também abriu o caminho da vitória no Gre-Nal que decidiu o título, fazendo o primeiro gol da vitória de 2 x 1 em menos de um minuto, sem os gremistas sequer tocarem na bola. Por tudo isso, tornou-se o maior artilheiro da história colorada, com 485 gols.

ARTILHEIROS DE 1931 A 1950

ANO	SÃO PAULO	Nº DE GOLS	RIO DE JANEIRO	Nº DE GOLS	MINAS GERAIS	Nº DE GOLS
1931	FEITIÇO (Santos)	39	CARVALHO LEITE (Botafogo)	13	ORLANDO (Atlético)	18
1932	ROMEU (Palestra)	18	PREGUINHO (Fluminense)	21	CANHOTO (Villa Nova)	12
1933	WALDEMAR DE BRITO (São Paulo)	21	(2) NILO (Botafogo) TIÃO (Bangu)	19 15	—	—
1934	ROMEU (Palestra)	18	(2) NILO (Botafogo) ALFREDINHO (Fluminense)	10	—	—
1935	(1) TELECO (Corinthians) FIGUEIREDO (Ypiranga)	9 10	(3) CARVALHO LEITE (Botafogo) PLÁCIDO (América)	16 17	—	—
1936	(1) TELECO (Corinthians) CARIOCA (Portuguesa)	9 19	(3) CARVALHO LEITE (Botafogo) HÉRCULES (Fluminense)	15 23	GUARÁ (Atlético)	22
1937	TELECO (Corinthians)	15	NIGINHO (Vasco)	25	—	—
1938	ELYSEO (São Paulo)	13	CARVALHO LEITE (Botafogo) LEÔNIDAS (Flamengo)	16	GUARÁ (Atlético)	18
1939	TELECO (Corinthians)	32	CARVALHO LEITE (Botafogo)	22	PAULISTA (Atlético)	7
1940	PEIXE (Ypiranga)	21	LEÔNIDAS (Flamengo)	30	NIGINHO (Palestra)	—
1941	TELECO (Corinthians)	26	PIRILLO (Flamengo)	39	BAIANO (Atlético)	15
1942	MILANI (Corinthians)	24	HELENO DE FREITAS (Botafogo)	28	TIÃO (Atlético)	12
1943	MILANI (Corinthians)	20	JOÃO PINTO (São Cristóvão)	26	NIGINHO (Cruzeiro)	—
1944	LUIZINHO (São Paulo)	22	GERALDINO (Canto do Rio)	19	ISMAEL (Cruzeiro)	—
1945	PASSARINHO (S.P.R.) e SERVÍLIO (Corinthians)	17	LELE (Vasco)	15	ISMAEL (Cruzeiro)	—
1946	SERVÍLIO (Corinthians)	19	RODRIGUES (Fluminense)	28	LERO (Atlético)	13
1947	SERVÍLIO (Corinthians)	20	DIMAS (Vasco)	18	LERO (Atlético)	12
1948	CILAS (Ypiranga)	19	OTÁVIO (Botafogo) ORLANDO (Fluminense)	21	ABELARDO (Cruzeiro)	18
1949	FRIAÇA (São Paulo)	24	ADEMIR (Vasco)	30	NÍVIO (Atlético)	14
1950	PINGA (Portuguesa)	22	ADEMIR (Vasco)	23	NÍVIO (Atlético)	13

(1) Cisão: Liga Paulista de Futebol e Associação Paulista de Esportes Atléticos
(2) Cisão: Associação Metropolitana de Esportes Atléticos e Liga Carioca de Futebol
(3) Cisão: Federação Metropolitana de Futebol e Liga Carioca de Futebol

ADEMIR

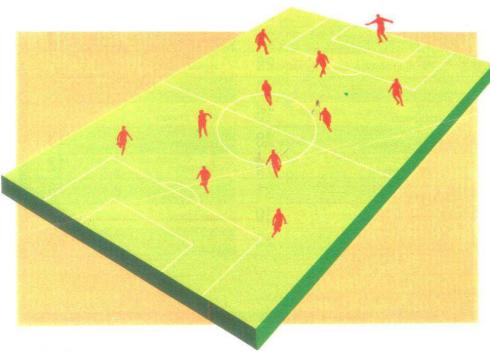
BEM MAIS QUE UM MATADOR

"Dêem-me Ademir e lhes darei o título." O técnico do Fluminense, Gentil Cardoso, sabia bem o que dizia antes do início do Campeonato Carioca de 1946. O atacante do Vasco e da Seleção era um dos jogadores-chaves do Expresso da Vitória — como ficou conhecido o esquadrão vascaíno por vencer, na época, tudo o que disputava —, mas a diretoria de seu clube não acreditava que deixaria de dominar o futebol carioca perdendo apenas um de seus atletas. Por isso, não fez questão de pagar o prêmio pelo título estadual invicto de 1945, irritando Ademir e provocando sua transferência para as Laranjeiras. Era tudo o que Gentil Cardoso queria para provar que estava certo. O Fluminense foi o campeão.

Autor de 391 gols em 552 jogos — sem contar os que fez pelo Sport Recife, onde começou e encerrou a carreira —, esse pernambucano nascido a 8 de novembro de 1922 não era um simples artilheiro. Aliava o faro de gol comum aos centroavantes com a capacidade de armação de um meia. Mostrou essa versatilidade sempre que foi exigido. Em 1949, por exemplo, passou uma semana inteira ouvindo os jogadores do Flamengo dizerem que venceriam o clássico com o Vasco, anulando seu futebol. Terminado o primeiro tempo no domingo, o marcador mostrava 2 x 0 para os rubro-negros. O técnico Flávio Costa, então, recuou-o para a meia e colocou Maneca no comando do ataque. Ademir tornou-se o articulador de todas as jogadas e o Vasco virou o jogo para 5 x 2.

Só não conseguiu sagrar-se campeão do mundo. Na final da Copa de 50, foi o responsável pelo último suspiro brasileiro, cabeceando uma bola que raspou a trave do goleiro uruguaio Máspoli, mas não evitando, assim, a derrota. "Cheguei a ter pesadelos com esse lance", contou mais tarde. Mas a Copa reservou-lhe uma glória: com os nove gols marcados na competição, é, até hoje, o único brasileiro, ao lado de Leônidas, a ser artilheiro isolado de um Mundial.

O GLOBO

Ademir: goleador até na Copa do Mundo

O WM ORGANIZA O BRASIL

Com o profissionalismo, as vitórias passaram a ser obrigação e criaram as primeiras preocupações defensivas. A mais original foi o esquema tático do inglês Herbert Chapman, do Arsenal de Londres, que recuou seus meias, dando-lhes cada vez mais a função de criadores de jogadas, em vez de finalizadores. Se não bastasse, atrasou um dos médios — o center-half —, aumentando para três o número de *backs* e transformando o antigo 2-3-5 em um 3-2-2-3. Percebendo o desenho criado pelo posicionamento dos jogadores, surgiu o nome: WM. A novidade chegou ao Brasil em 1937, com a contratação do técnico húngaro Dori Kruschner pelo Flamengo. A partir daí, os brasileiros abandonaram o primitivismo tático e começaram a mostrar sinais de organização dentro de campo.

FOTOS ABRIL

Técnico, elástico, gênio, Leônidas encantava as multidões com a bicicleta. Invenção sua ou não, tornou-se marca registrada

LEÔNIDAS

O ÍDOLO DAS MULTIDÕES

Só havia três ídolos no Brasil do final dos anos 30: o presidente Getúlio Vargas, Orlando Silva, o Cantor das Multidões, e Leônidas da Silva. O comentário, freqüente na época, resume a importância do atacante para toda a geração de torcedores que acompanharam o início do profissionalismo. Encantava pela técnica, pela elasticidade, que lhe garantiu o apelido de Homem-Borracha, e a fama de inventor da bicicleta, mesmo que na verdade a honra para muitos coubesse a Petronilho de Brito.

Por isso, como Orlando Silva e Getúlio Vargas, também reunia multidões. Em 1942, para ver sua estréia no São Paulo, o Pacaembu recebeu 63 mil pagantes e mais dez mil que entraram sem pagar ingresso — hoje a capacidade oficial do estádio é de 40 mil pessoas. Leônidas era um jogador diferenciado. Em 1931, quando o futebol era amador e Leônidas jogava pelo Bonsucesso, já recebia 400 mil-réis por mês e sustentava toda a família com o dinheiro.

Por suas qualidades foi um dos poucos a se salvar do desastre da Seleção na Copa do Mundo de 1934. O Brasil foi eliminado logo em seu primeiro jogo, perdendo para a Espanha por 3 x 1, mas foi dele o único gol brasileiro naquele Mundial. Em 1938, na França, a história foi outra. O Brasil foi o terceiro colocado e Leônidas, o artilheiro com oito gols, virou o Diamante Negro. Depois ainda seria campeão estadual pelo Flamengo, em 1939, e pelo São Paulo, em 1943, 1945/46 e 1948/49, somando os títulos à sua galeria que já incluía os Cariocas de 1934, pelo Vasco, e de 1935, pelo Botafogo. Na memória de todos, em qualquer lugar do mundo, no entanto, ficaram marcadas as partidas da Copa do Mundo de 1938. Em 1953, quando era técnico de um combinado São Paulo-Bangu e fazia uma excursão à Europa, os organizadores de uma partida em Liège perceberam sua presença no banco de reservas. As recordações dos tempos em que mostrava sua categoria em campo fizeram com que ele recebesse um pedido especial. Queriam vê-lo em ação, nem que fosse só naquela partida. E Leônidas entrou em campo pela última vez.

No Flamengo, jogou pouco. Mas o suficiente para ser campeão carioca, em 1939

ROMEU PELICCIARI

TÉCNICA ACIMA DE TUDO

"Ele passava meses sem errar um único passe", costumava dizer Tim, seu companheiro no Fluminense. Romeu Pelicciari, nascido em Jundiaí a 26 de março de 1911, era assim: possuía uma técnica fantástica e uma visão de jogo extraordinária. Muitos, no entanto, não consideravam essas duas características a sua maior virtude. Impressionado com os dribles secos do craque, o jornalista Mário Filho resolveu batizar um deles de Drible do Canguru. Fingia que ia, voltava e, já com o zagueiro batido, fintava com precisão. Sua paixão, no entanto, era o gol, que fazia utilizando uma outra arma: os chutes fortíssimos. Graças a eles, os palestrinos foram tricampeões paulistas em 1932/33/34 e campeões novamente em 1942, quando ele voltou ao clube, já rebatizado como Palmeiras. Romeu também foi artilheiro dos Campeonatos Paulistas de 1932 e 1934, ambas as vezes com dezoito gols, e garantiu ao Fluminense os títulos cariocas de 1936/37/38 e 1940/41, em uma de suas melhores fases.

FOTOS ABRIL

Romeu: até o último jogo de seu clube com o nome de Palestra, perigo para o adversário

HELENO DE FREITAS

O GÊNIO DA GRANDE ÁREA

O jogo contra o América estava muito difícil até que o zagueiro adversário resolveu contribuir, deixando Heleno de Freitas roubar a bola, invadir a área e fazer o gol do Botafogo. Furioso com a falha do adversário, o atacante disparou em sua direção aos gritos: "Você não vai aprender nunca? Devia desistir e parar de maltratar tanto a bola". Heleno de Freitas era assim. Perfeccionista e temperamental. Jogava futebol por profundo amor à bola e não admitia falhas nem suas nem dos seus companheiros.

Foi um dos mais românticos craques que jogaram nos tempos do profissionalismo. Mostrava isso até na origem aristocrática de sua família, tradicional em São João Nepomuceno, a cidade mineira em que nasceu em 12 de dezembro de 1920 — mudou-se para o Rio de Janeiro no início dos anos 30. Mas a classe e a elegância que mostrava nos gestos dentro de campo contrastavam com seu temperamento difícil e uma vida de boêmio. E foi esse gosto declarado pelas farras que provocou sua saída do Botafogo, em 1948. O presidente do clube, Benjamin "Mimi" Sodré, mandou investigar o que Heleno fazia à noite. Ao descobrir que as histórias que ouvia eram verdadeiras, obrigou-o a abandonar a vida noturna. Heleno não lhe deu ouvidos. "Mais vale uma boa companhia do que alguns mil-réis no bolso", respondeu.

Teve de mudar de ares. Jogou pelo Boca Juniors em 1948 e voltou ao Brasil no ano seguinte, para se sagrar campeão carioca pelo Vasco. Àquela altura, os sintomas da sífilis que o mataria em 1959 já eram muito fortes e Heleno tinha que lutar demais para continuar fazendo o que sabia: gols, gols e mais gols. Mas até em sua despedida mostrou um temperamento forte. Jogava pelo América contra o São Cristóvão, em 1951. Atuou vinte minutos. Aí, sem forças para continuar, brigou e foi expulso de campo.

Heleno: louca obsessão pelo gol

NIGINHO

QUEBRANDO TODOS OS TABUS

Niginho: um mineiro na Seleção

O futebol de Minas Gerais ainda era pouco representativo, mas, em qualquer lugar do país em que jogasse, o Cruzeiro — então Palestra Itália — era respeitado. Com sua camisa, jogava simplesmente um dos maiores centroavantes de sua época, um artilheiro clássico que quebrou vários tabus: Niginho. Proveniente de uma família de craques — os Fantoni —, ele vestiu a camisa da Seleção Brasileira em 1937, quando os jogadores mineiros ainda não mereciam destaque nacional. Além disso, foi um dos primeiros brasileiros a atravessar as fronteiras e desembarcar na Itália, para jogar na Lazio, entre 1930 e 1935.

Mas não foi apenas a Itália que se encantou com os gols de Niginho. No Brasil, além do Cruzeiro, jogou no Vasco, Palestra (SP) e disputou a Copa do Mundo de 1938, na França. Lá, o ditador italiano Benito Mussolini, usando a ascendência italiana do jogador como pretexto, convocou-o a ingressar no Exército italiano. "Minha pátria é o Brasil", afirmou. Terminada a Copa do Mundo, com um terceiro lugar, Niginho voltou ao Cruzeiro, onde conquistou os títulos mineiros de 1940 e 1943/44/45, e foi artilheiro dos campeonatos de 1940 e 1943. O suficiente para ser lembrado com imensa saudade, desde 1947, quando decidiu encerrar sua gloriosa carreira.

WALDEMAR DE BRITO

ABRINDO NOVOS CAMINHOS

Já não havia, no início do profissionalismo, as barreiras sociais que impediam os negros de praticar o esporte que se tornava a coqueluche do país. Sorte do futebol, que, dos anos 30 até meados dos 40, pôde ver em ação um dos maiores jogadores brasileiros da história. Já no final da década de 20, Waldemar de Brito desfilava sua categoria por clubes como o Sírio, onde começou a carreira, e no San Lorenzo de Almagro, da Argentina. Mas foi no São Paulo da Floresta — cujos sócios deram origem ao atual São Paulo F.C. — que o jogador conquistou os títulos de campeão paulista em 1931 e de artilheiro estadual do campeonato em 1933, com 21 gols. Foi lá também que Waldemar encantou definitivamente os torcedores com o vaivém constante que o fazia partir do meio-campo em direção ao gol adversário com extraordinária competência. Além disso, tinha outra grande qualidade: os cabeceios perfeitos. Apesar de ídolo no São Paulo, acabou transferindo-se para o Flamengo e disputou a Copa do Mundo de 1934 como jogador do clube carioca. E mesmo após o término de sua carreira, em 1945, conseguiu dar uma de suas maiores contribuições ao futebol do país. Em um pequeno clube de Bauru — o Baquinho —, descobriu quem seria o maior jogador da história do futebol: Pelé.

Os negros marcam presença com a classe de Waldemar

PONTAS NUNCA MAIS

Dois pontas-direitas tornaram-se artilheiros do Campeonato Paulista na década de 40. Luizinho, em 1944, marcou 22 gols. Friaça, em 1949, fez 24. Ambos jogavam pelo São Paulo e, além da artilharia, conquistaram os títulos nesses anos. Depois deles, nunca mais um jogador da posição voltou a ser o goleador do campeonato.

GLÓRIA INTERNACIONAL

Zizinho só foi artilheiro de um Campeonato Estadual, pelo Bangu, em 1952, mas tem uma glória internacional. Ninguém marcou mais do que ele e o argentino Norberto Mendez em Campeonatos Sul-Americanos. Ao todo, foram dezessete gols. Os de Zizinho foram: dois em 1942; dois em 1945; cinco em 1946; cinco em 1949; um em 1953; e dois em 1957. Mesmo assim, só foi campeão uma vez, em 1949.

Zizinho: o maior goleador da Copa América, com 17 gols

MÚTUAS HUMILHAÇÕES

A rivalidade entre Flamengo e Vasco já era grande na época, mas os jogadores dos dois clubes fizeram questão de esquentá-la. Em 1931, o Vasco aplicou sua maior goleada sobre os rubro-negros: 7 x 0. Como vingança, em 1943, foi a vez dos flamenguistas humilharem os rivais, embora com um marcador mais modesto: 6 x 2. A goleada rubro-negra, no entanto, teve um sabor especial. Valeu o bicampeonato carioca.

UM GOL PROFISSIONAL

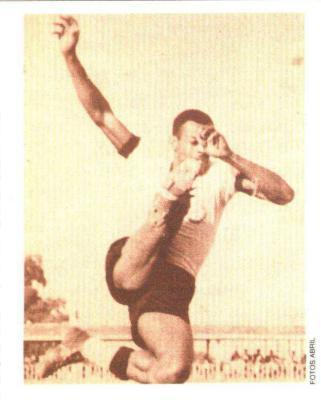
Ídolo do amadorismo, foi Arthur Friedenreich quem marcou o primeiro gol da era profissional. A façanha aconteceu na vitória do São Paulo da Floresta por 5 x 1 sobre o Santos, em 12 de março de 1933, na Vila Belmiro. O gol aconteceu aos 23 minutos do primeiro tempo, na partida que inaugurou o profissionalismo.

SERVÍLIO

O BAILARINO CORINTIANO

Durante dez anos, a cada vez que Servílio de Jesus pegava na bola, deliciava a torcida corintiana com suas passadas largas e harmoniosas. Graças a elas, logo ganhou o apelido que o acompanhou por toda a sua trajetória dentro do Parque São Jorge: Bailarino. E fez os adversários dançarem com seus gols e jogadas de efeito. De seus pés, saíram lances geniais para Teleco completar para o gol. Se não fosse suficiente, tornou-se o artilheiro dos Campeonatos Paulistas de 1945, 1946 e 1947.

Servílio chegou ao Corinthians em 1938, contratado ao Galícia, da Bahia, onde nasceu na cidade de São Félix, a 15 de fevereiro de 1915. Logo chegou à Seleção Brasileira, disputando seis partidas nos Campeonatos Sul-Americanos de 1942, em Montevidéu, e de 1945, em Santiago.

Sua paixão, no entanto, era mesmo o Corinthians. No Parque São Jorge, conseguiu ser campeão paulista em 1938, 1939 e 1941. Depois, contentou-se ao longo de toda a década de 40 em ser a grande estrela e o principal artilheiro de um time que viveu um jejum de dez anos, até a conquista do título paulista de 1951. Faltava-lhe nessa época um companheiro que compreendesse suas jogadas mágicas e seus lances de bailarino. Mesmo assim, Servílio ajudou o Corinthians a se sagrar cinco vezes vice-campeão paulista nesse período, em 1942, 1943, 1945, 1946 e 1947. Por isso, ficou para sempre marcado nas mentes corintianas como um artista, que encantou os campos paulistas e encheu de alegria todos os torcedores que o acompanharam em campo.

FOTOS ABRIL

De 1945 a 1947, Servílio foi o maior goleador de São Paulo: em média, mais de dezoito gols por ano

Carvalho Leite: tetra no Botafogo

CARVALHO LEITE

OS PÉS DA GLÓRIA BOTAFOGUENSE

Dos quinze títulos cariocas conquistados pelo Botafogo, cinco tiveram a participação de Carvalho Leite, o equivalente a 33%. A simples lembrança das conquistas de 1930, 1932, 1933, 1934 e 1935, quando o Botafogo conquistou o tetracampeonato carioca, mostra a importância do ídolo botafoguense. Dentro da grande área era perfeito, e, com seu chute forte e estilo trombador, consagrou-se com a artilharia dos campeonatos cariocas de 1932 e 1935. Se não bastasse, foi convocado e disputou as Copas do Mundo de 1930 — aos 18 anos de idade — e de 1934 pela Seleção Brasileira.

E esse carioca nascido a 25 de junho de 1912 não se intimidava, nem na juventude, com a responsabilidade de vestir a camisa 9 do Botafogo. No Campeonato Carioca de 1930, aos 18 anos, foi o jogador que mais atuou na campanha do título carioca (vinte vezes), transformando-se no artilheiro da equipe, com catorze gols. Nesse mesmo ano, o então jovem goleador foi capaz de superar jogadores já consagrados, como Araken Patusca, para ser o titular da Seleção, na vitória sobre a Bolívia por 4 x 0, na Copa do Mundo do Uruguai.

Sua personalidade acabou tornando-o durante anos o maior artilheiro do Botafogo. Fez 175 gols em 210 jogos com a camisa alvinegra e só foi superado vários anos depois de abandonar os campos por Garrincha, que marcou 232 gols pelo clube. Quem o viu em ação, no entanto, garante que poderia ter feito ainda mais gols, não fosse uma contusão que sofreu em maio de 1941 contra o Bonsucesso e que tirou para sempre dos gramados, aos 29 anos, um dos maiores artilheiros que o alvinegro teve em toda a sua história.

LUÍS CARVALHO

O MAESTRO DAS VIRADAS

Era tratado carinhosamente como *El Maestro* pelos torcedores. E não poderia haver um apelido mais bem colocado. Dentro da área não existia jogador mais completo, principalmente quando fazia sua mais fantástica jogada. Apanhando a bola atrás de seu corpo, virava para o gol de forma única, sem permitir a menor possibilidade de defesa para qualquer goleiro. Por isso, durante dezessete anos — entre 1923 e 1940 —, Luís Carvalho foi o grande ídolo da torcida gremista.

Luís Carvalho regia o ataque gremista

O Rio Grande do Sul, no entanto, não tinha poder para segurar um jogador tão talentoso. Por isso, ele teve duas passagens por clubes cariocas. Em 1929, aos 22 anos — nasceu em 1.º de novembro de 1907 —, passou pelo Botafogo, mas a saudade de Porto Alegre o levou de volta no ano seguinte. Entre 1935 e 1937, porém, conquistou o Brasil inteiro com suas atuações pelo Vasco e acabou até convocado para a Seleção. O amor pelo Grêmio, no entanto, o fez atuar novamente, entre 1938 e 1940, no clube, conquistando o carinho definitivo de toda a torcida. Um carinho provado em 1974, quando os gremistas o elegeram presidente do clube.

GUARÁ

INESQUECÍVEL ATLETICANO

Foram apenas seis anos de uma carreira brilhante e de um caso de amor com a torcida do Atlético-MG. Mesmo assim, os torcedores mais antigos lembram até hoje do nome de Guaracy Januzzi, o Guará. Não é para menos. Nesse pouco tempo marcou 163 gols, média de 27 por temporada. Mas, além disso, esse mineiro de Belo Horizonte nascido a 3 de dezembro de 1914 tinha uma outra qualidade que o identificava com os atleticanos: a raça. Tanto que teve que encerrar prematuramente sua carreira graças a um traumatismo craniano que sofreu após um choque com o zagueiro Caieira, do Palestra Itália (atual Cruzeiro), em 1939.

Na ocasião, Guará subiu para cabecear uma bola, acertando, porém, a nuca do adversário. Foi levado às pressas ao hospital, de onde só saiu 23 dias depois. Retornou aos gramados dez meses mais tarde, sem, no entanto, mostrar a mesma qualidade. Em 1940, jogou uma única vez, contra o Villa Nova. Em 1941, foi campeão, embora só atuasse em apenas quatro jogos, marcando seis gols. Nesse ano, em 5 de maio, aos 26 anos, fez sua última partida como profissional. Mesmo assim, foi o artilheiro dos Campeonatos Mineiros de 1936 e 1938. Nem foi esquecido também pelos adversários, que durante seis anos sabiam que nos jogos contra o Atlético era certo tomar gols.

Guará: carreira curta, mas de muitos gols

TRÊS VEZES TRINTA

Três vezes, entre 1930 e 1950, o Campeonato Paulista teve artilheiros superando a marca dos trinta gols: Feitiço fez 37 em 1930, e 39, em 1931; e Teleco 32, em 1939. Além deles, exceto Pelé, que conseguiu o feito sete vezes, apenas quatro jogadores superaram os trinta gols: Friedenreich com 33, em 1921; Araken Patusca com 31, em 1927; Humberto Tozzi com 36, em 1954; e Jorge Mendonça com 38, em 1981.

TUDO CONTRA O GRÊMIO

Os torcedores do Internacional tinham um bom motivo para chamar seu time da década de 40 de Rolo Compressor. Além do hexacampeonato de 1940 a 1945, o Inter triturou o Grêmio. Nesse período, foram disputados 28 Gre-Nais, com dezenove vitórias coloradas, quatro gremistas e cinco empates. E bastava ver a camisa do rival para o ataque de Tesourinha, Villalba, Adãozinho, Rui e Carlitos estraçalhar. O Inter marcou incríveis 87 gols, com uma elevadíssima média de 3,10 por clássico.

O Rolo Compressor dos anos 40: Alfeu, Nena, Ilmo, Ivo, Viana e Ávila *(em pé)*; Tesourinha, Magnones, Adãozinho, Rui Motorzinho e Carlitos *(agachados)*

NO RIO, REI É PIRILLO

Nenhum atacante jamais marcou tantos gols em um Campeonato Carioca como o gaúcho Sylvio Pirillo. Em 1941 foi o artilheiro do campeonato com 39 gols, embora não tenha conseguido dar o título ao Flamengo, conquistado pelo Fluminense. A fama, no entanto, garantiu a Pirillo a transferência ao Botafogo em 1948 com uma missão difícil: substituir Heleno de Freitas, vendido ao Boca Juniors. Aí, conseguiu o título, mas foi vice-artilheiro da equipe, com treze gols, atrás do meia Otávio, que fez 21.

1900 1930

Para a frente, para o gol. Essa era a única ordem que motivava os times nos primeiros anos do futebol. Os atacantes faziam a festa

OS TEMPOS DE GOLEADAS

Todos os domingos, religiosamente às três e quinze da tarde, vinte e dois pioneiros se apresentavam para o jogo. O "alê-guá" — do francês *allez* (para a frente, avante) e do inglês *goal* —, grito com que os primeiros torcedores os incentivavam, dizia tudo: em meio a uma incessante correria, eles buscavam os caminhos mais fáceis para se chegar à meta adversária durante todo o tempo. "Tudo o que se fazia em futebol era voltado para a conquista dos gols", atesta Flávio Costa, hoje com 85 anos. Técnico da Seleção Brasileira na Copa de 1950, bem antes, porém, ele havia sido jogador. Como vigoroso *half* (médio) do Flamengo entre 1925 e 1933, ganhou o apelido de Alicate. E confessa ter tido muito trabalho para conter os impetuosos atacantes naqueles dias de muitos gols. Não devia mesmo ser fácil parar um Nilo, do Botafogo, um Preguinho, do Fluminense, ou um Russinho, do Vasco, todos eles artilheiros do Campeonato Carioca no final da década de 20.

Essa vocação para o ataque, na verdade, nasceu junto com o próprio esporte. Até 1863, quando o futebol teve suas regras oficializadas, todo mundo ia para a frente. Azar dos goleiros, que ficavam solitários na função de evitar os gols. Quando o futebol chegou ao Brasil, é verdade, a disposição dos jogadores em campo já estava mais bem definida. Era a chamada "formação clássica", com dois zagueiros, três médios e cinco atacantes. Nem por isso, no entanto, nosso futebol deixou de se mostrar sempre e cada vez mais atrevido.

Eram tempos heróicos, aqueles. O novo século nascera, para os brasileiros, sob o signo do *foot-ball*, esporte predestinado a apaixo-

nar as massas desde que o paulista Charles Miller trouxe a primeira bola para o país, importada da Inglaterra em 1894. Até meados dos anos 10, porém, só se viam em volta do campo privilegiados cavalheiros, sempre bem vestidos, acompanhando senhoritas que suspiravam pelos primeiros ídolos. Mesmo do lado de dentro dos gramados eram raros os mulatos. Como Carlos Alberto, do Fluminense, que se atrevia a disfarçar sua origem jogando com a cara esbranquiçada pelo pó-de-arroz, dando motivo a um incômodo apelido do qual o tricolor carioca, seu clube, jamais conseguiria se livrar.

FOTOS ABRIL

Neco *(o primeiro em pé, à esq.)*: **doze gols pelo Corinthians em 1914**

Preconceitos sociais à parte, os artilheiros por essa época já eram muitos. Fosse em São Paulo, onde o campeonato começou em 1902 tendo no próprio Charles Miller seu primeiro goleador, ou no Rio de Janeiro, onde o Fluminense inaugurou, em 1906, a galeria de campeões e artilheiros com Horácio Costa, autor de dezoito gols. Os "matadores" despontavam em todas as posições de ataque, de ponta a ponta: pela direita, com Filó, do Paulistano e do Corinthians, ou Edwin Cox, do Fluminense; pela esquerda, com Arnaldo, do Paulistano; e, pelo meio, com Arthur Friedenreich, o maior de todos, verdadeiro Pelé destas primeiras três décadas do século.

Com tanta gente disposta a mandar a bola para as redes em uma época sem técnicos para "amarrar" os times na defesa, as goleadas tornavam-se tão freqüentes quanto os 0 x 0, 1 x 0 e 2 x 1 de hoje em dia. Em 1917, a Seleção Paulista goleou duas vezes os cariocas, por 7 x 1 e 9 x 1. Só Friedenreich, neste segundo jogo, deixou nada menos que cinco gols. No ano seguinte, era a vez de os cariocas irem à forra contra os mineiros, com um 13 x 0, resultado extravagante até mesmo para a época.

O Fluminense, campeão carioca de 1906: 52 gols em dez partidas

Neste período, principalmente depois que a Seleção Brasileira conquistou seu primeiro Campeonato Sul-Americano, em 1919, os nomes ligados ao futebol foram pouco a pouco se aportuguesando. *Canja* (jogo fácil de se vencer), *encher o pé*, *lavagem* (derrota por muitos gols) e *navalha* (linha de ataque excepcional, muito afiada) tornaram-se expressões cada vez mais ouvidas nos dias de jogos. Todas elas ligadas ao gol, razão maior do futebol que, agora, preparava-se para entrar na era do profissionalismo.

Friedenreich: autor oficial de 1 329 gols

Charles Miller: pai do futebol brasileiro e seu primeiro artilheiro

FRIEDENREICH

O REI DE TODOS OS GOLEADORES

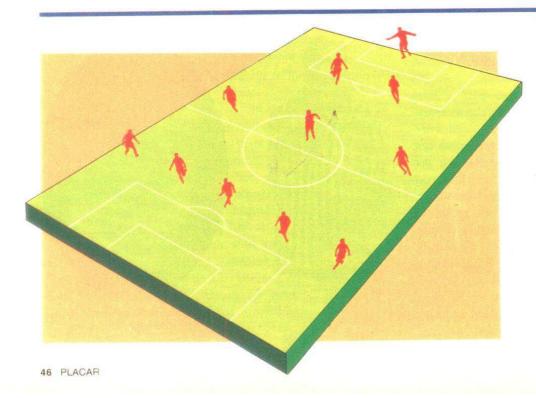
Sempre que aparecia algum garoto bom de bola nos primeiros tempos do futebol, a comparação era inevitável. "É o novo Fried!", exclamavam precipitados os amantes do esporte. Até o aparecimento de Pelé, no final dos anos 50, Arthur Friedenreich reinou absoluto como o exemplo acabado de perfeição com a bola no pé. Foram 1 329 gols reconhecidos pela FIFA em 26 anos de carreira, um recorde ainda de pé, impossível de ser batido até pelo próprio Pelé, que chegaria aos 1 278.

Center-forward (o centroavante da época) de recursos ilimitados, introduziu novas jogadas, como o drible curto, o chute de efeito e a finta de corpo, em que utilizava seus parcos 52 kg distribuídos em 1,75 m. Seu primeiro time foi o Ypiranga, de São Paulo, onde estreou em 1909.

Deslocado na ponta-esquerda, chegou a fazer alguns jogos pelo Germânia; estudante de Engenharia, atuou também pelo aristocrático time do Colégio Mackenzie. Privilégios que ele, um mulato de olhos verdes cuja mãe era uma lavadeira negra, só alcançou por ser filho de pai alemão. Mas o grande amor da vida de Fried foi mesmo o Paulistano, que defendeu por onze anos, de 1918 a 1929, e onde ganhou seis de seus sete títulos paulistas (o sétimo viria em 1931, jogando pelo São Paulo). Seu último clube seria o Flamengo, onde em 1939 resolvera encerrar a carreira como uma "homenagem à torcida carioca", segundo suas próprias palavras.

Nove vezes artilheiro paulista, em 1912, 1914, 1917/18/19, 1921, 1927/28/29, esteve presente no primeiro jogo da Seleção Brasileira, contra os ingleses do Exeter City, em 1914. Seu ponto alto com a camisa do Brasil, que defendeu em 22 jogos, marcando dez gols, aconteceu na final do Sul-Americano de 1919, contra o Uruguai. Após 150 minutos de futebol, um gol seu decidiu o título na segunda prorrogação. E lhe valeu, vindo dos próprios adversários, o apelido de *El Tigre*.

Vestindo a camisa da Seleção ou de clubes como São Paulo e Flamengo, Fried foi o maior jogador de sua época

FOTOS ABRIL

A ORDEM ERA ATACAR

O negócio era fazer gols. Para isso, todo mundo sabia, o time que se prezava entrava em campo com goleiro, dois *backs* (os zagueiros), três "médios" (a chamada "linha média", também encarregada da marcação, formada pelos *halfs* direito, esquerdo e *center-half*) e cinco atacantes. Já em meados dos anos 20, estes cinco homens, que antes ficavam parados lá na frente, passaram a ser praticamente três. "Os meias voltavam para ajudar na marcação. Atacantes, mesmo, passaram a ser os dois pontas, bem abertos, e o centroavante", recorda Zezé Moreira, médio nos anos 30 e depois técnico, de 1948 a 1980. Os gols, então, eram criados pelas extremas, com os pontas, que armavam a jogada para a conclusão do *center-forward* (centroavante).

Neco: um ídolo corintiano na Seleção

NECO

RECORDE DE AMOR À CAMISA

Foram dezessete anos vestindo a mesma camisa, a do Corinthians. E os gols nunca faltaram para o atacante Manoel Nunes, o Neco. Artilheiro dos Campeonatos Paulistas de 1914, com doze gols, e de 1920, com 24, ele é o único jogador que participou de dois dos três tricampeonatos do clube, em 1922/23/24 e 1928/29/30. Um verdadeiro recordista em amor à camisa, que não escolhia posição — jogava de centroavante, ponta-esquerda e ponta-de-lança.

Sempre com a mesma energia e decisão que caracterizavam seu futebol irrequieto, Neco defendeu a Seleção Brasileira em quinze jogos, marcando nove gols. Os mais importantes deles foram os dois contra o Uruguai, na primeira partida da final do Sul-Americano de 1919, quando a Seleção começou perdendo por 0 x 2. O empate provocou nova partida, em que o Brasil levaria o título com gol de Friedenreich, já na prorrogação.

Oito vezes campeão pelo Timão e bi sul-americano pelo Brasil, em 1922, ganhou um busto no Parque São Jorge. Ninguém foi mais merecedor: Neco recusou seguidas e tentadoras propostas do Fluminense, só para permanecer no time do seu coração.

PREGUINHO

SINÔNIMO DE GOL NAS LARANJEIRAS

O nome de João Coelho Netto, o Preguinho, foi por muito tempo sinônimo de gol para os torcedores do Fluminense. Maior artilheiro da história do clube, com 184 gols, ele não se limitava, porém, às façanhas dentro do gramado. Sempre defendendo a camisa tricolor, Preguinho foi um megatleta, conquistando para seu clube títulos no basquete, vôlei, atletismo, natação, pólo aquático, remo, saltos ornamentais e hóquei sobre patins. Certa vez, em uma mesma tarde, garantiu o tricampeonato de natação para o Flu e saiu correndo para jogar contra o São Cristóvão, pelo Torneio Início de 1925.

Filho do escritor Coelho Netto, notório tricolor do início do século, nunca se profissionalizou, o que não o impediu de continuar defendendo o Fluminense mesmo depois do fim do amadorismo, em 1933. Meia-esquerda de muita velocidade, chute forte com os dois pés e raça fora do comum, costumava ganhar a maioria das divididas contra os zagueiros da época.

Preguinho: um eterno megacampeão tricolor

Preguinho foi artilheiro do Campeonato Carioca pela primeira vez em 1923, com doze gols, quando tinha apenas 18 anos. Repetiria a dose em 1928 (dezesseis gols) e em 1932 (com 21). Pela Seleção Brasileira jogou pouco. Mas o suficiente para deixar seu nome como autor do primeiro gol do Brasil em Copas do Mundo. Foi contra a Iugoslávia, em 1930, na derrota por 1 x 2.

HERÓIS POR CEM ANOS

De todos os atacantes da primeira metade do século, poucos foram tão festejados quanto os campeões estaduais de 1922.

Era o ano do primeiro centenário da Indépendência do Brasil, e pela primeira vez o futebol atraía maior interesse popular. No Rio, o campeão foi o América, imortalizando nomes como Chiquinho e Gracco. Em São Paulo, o mesmo aconteceu com os corintianos Tatu e Rodrigues.

Tatu e Rodrigues: heróis do Centenário

VIRADA PERNAMBUCANA

Foi do Santa Cruz, do Recife, a primeira grande virada de que se tem notícia no futebol brasileiro. Aconteceu em 15 de abril de 1917, quando o tricolor chegou a estar perdendo por 5 x 1 para o América e acabou ganhando de 7 x 5. Tudo isso quando faltavam quinze minutos, numa incrível seqüência de seis gols. Marcaram naquele dia Tiano (Martiano Fernandes, que seria senador por Pernambuco), três vezes; Pitota, duas; Neguinho e Joaquim de Sá, uma vez cada.

PRIMEIROS "FOMINHAS"

Em tempo de fartura de gols, a disputa entre os artilheiros era para ver quem marcava mais vezes em um só jogo. E, nesta, ninguém bateu Gilbert, do Botafogo, que enfiou nove no Mangueira, nos famosos 24 x 0 de 1909. Depois dele, os dois maiores craques da época foram os que mais marcaram em um só jogo no amadorismo: Araken Patusca, em 1927, fez sete dos 12 x 1 do Santos no Ypiranga; e Friedenreich, que fez todos os gols dos 7 x 0 do Paulistano no União Lapa.

OS REIS DO *FOOT-BALL*

Até 1910, não era fácil entender os nomes dos artilheiros dos campeonatos. Assim como o futebol, os primeiros goleadores também vinham de fora ou eram filhos de estrangeiros, o que dificultava a identificação do povo com o novo esporte. Em São Paulo, os alemães do Germânia fizeram o artilheiro do Campeonato com Herman Friese (em 1905,1906 e 1907) e Füller (junto com Friese, também em 1906 e 1907). No Rio, bons de bola eram os ingleses do Fluminense, artilheiros cariocas em 1907 (Edwin Cox), 1914, 1915, 1917, 1919 e 1922 (sempre com Welfare).

CINCO NOMES, 100 GOLS

Siriri, Camarão, Araken, Feitiço e Evangelista formaram no Santos, em 1927, o primeiro quinteto de ataque a marcar 100 gols em um único campeonato. Isso em uma época em que o número de times, e, obviamente, o de jogos, era menor. Depois, principalmente a partir do profissionalismo, a marca seria várias vezes superada. Mas a incrível média de 6,25 gols por jogo (foram dezesseis partidas) continua insuperável.

Charles Miller: dez gols em nove jogos

O PRIMEIRO HOMEM-GOL

Além de trazer a primeira bola e, conseqüentemente, o futebol para o Brasil, organizar sua prática no primeiro clube (o São Paulo Athletic, do qual foi também presidente) e tornar-se árbitro, Charles Miller fez mais. Foi também o primeiro artilheiro de um campeonato oficial do país, o Paulista de 1902, com dez gols em nove jogos, o dobro de Marques e Álvaro, do Paulistano, com cinco.

FOTOS ABRIL

Ninguém marcou mais gols com a camisa do Palmeiras que Heitor

HEITOR

IL PRIMO CRAQUE DO PALESTRA

Heitor Marcelino Domingues foi o primeiro grande artilheiro da história do Palmeiras, que, entre 1917 e 1931, época em que ele jogava, ainda se chamava Palestra Itália. E até hoje, com seus 202 gols, permanece imbatível na condição de maior goleador do clube. Nascido em São Paulo, em 1898, Heitor (ou *Ettore*, como os velhos palestrinos o chamavam) era um filho de italianos que desde cedo adorava o *foot-ball*. Aos 14 anos já fazia parte do quadro infantil do Colégio do Carmo, onde estudava.

Depois de rápida passagem pelo extinto Sport Club Americano, passou a defender o Palestra em 1917. Centroavante oportunista, Heitor era tido como "digno rival de Friedenreich" pela crônica da época. Não poderia haver elogio maior para um jogador.

Seus gols e atuações foram fundamentais para o crescimento do Palestra Itália, na época um clube de colônia que ingressava na disputa do Campeonato Paulista. E também para a conquista do primeiro título do clube, em 1920: afinal, de seus pés saiu o gol da vitória por 2 x 1 sobre o Paulistano, marcado por Forte, que acabou valendo o título. Era apenas o início de uma série de mais outros dois (o bi de 1926/27) que Heitor conquistaria pelo clube.

Pela Seleção Brasileira, fez onze jogos e marcou cinco gols. Brilhou ao lado do corintiano Neco e de Friedenreich no Sul-Americano de 1919. Parecia mesmo predestinado a participar dos lances que resultariam em grandes conquistas: afinal, foi de um rebote do goleiro uruguaio, depois de uma cabeçada de Heitor, que Friedenreich garantiu a conquista do Sul-Americano de 1919 com um gol solitário, já na segunda prorrogação. Mas era bom também de conclusão: foi, depois disso, artilheiro paulista em 1926, com treze gols, e em 1928, com dezesseis.

MÁRIO DE CASTRO

FENÔMENO QUE VEIO DE MINAS

Na época em que o futebol ainda engatinhava no Rio e em São Paulo, e praticamente inexistia nos demais Estados, o atleticano Mário de Castro já se destacava como um fenomenal artilheiro. Em toda a história do esporte, poucos foram os atacantes capazes de repetir as façahas que executava nos gramados mineiros.

Para muitos o melhor centroavante do Brasil no final dos anos 20, chegou à incrível marca de 195 gols em menos de 100 jogos pelo Galo — uma média de quase dois gols por partida. "Não me lembro de nenhum jogo em que não tenha feito gols", dizia. Em 1929 foi convocado para a Seleção Brasileira, mas, como seria reserva do botafoguense Carvalho Leite, preferiu não ir. Nunca mais foi convocado.

Formado em Medicina, Mário de Castro, que sempre preferiu o basquete ao futebol, abandonou a carreira em 1934, aos 29 anos. Artilheiro estadual três vezes (em 1926/27 e 1929), jogou menos de oito anos no Galo.

Mário de Castro: glória atleticana

OS ARTILHEIROS ATÉ 1930

	SÃO PAULO	Nº DE GOLS	RIO DE JANEIRO	Nº DE GOLS
1902	CHARLES MILLER (SPAC)	10	—	
1903	ÁLVARO (Paulistano) e BOYES (SPAC)	4	—	
1904	CHARLES MILLER e BOYES (SPAC)	9	—	
1905	HERMAN FRIESE (Germânia)	14	—	
1906	LEO (Internacional), HERMAN FRIESE e FÜLLER (Germânia)	6	HORÁCIO (Fluminense)	18
1907	LEO (Internacional), HERMAN FRIESE e FÜLLER (Germânia)	6	EDWIN COX (Fluminense)	5
1908	PERES (Paulistano) e LEO (Internacional)	7	FLÁVIO RAMOS (Botafogo)	8
1909	BIBI (Paulistano)	9	FLÁVIO RAMOS (Botafogo)	16
1910	BOYES (SPAC) e RUBENS SALLES (Paulistano)	10	DELAMARE (Botafogo)	22
1911	DÉCIO (Americano)	9	JOHN CALVERT (Fluminense)	5
1912	FRIEDENREICH (Mackenzie)	16	ALBERTO (Flamengo)	17
1913	DÉCIO (Americano)	7	MIMI SODRÉ (Botafogo)	13
1914	NECO (Corinthians) e FRIEDENREICH (Ypiranga)	12	OJEDA (América), WELFARE (Fluminense) e RIEMER (Flamengo)	8
1915	(1)FACCHINI (C. Eliseos) NAZARETH (A.A. Palmeiras)	17 13	WELFARE (Fluminense)	18
1916	(1)APPARÍCIO (Corinthians) MARIANO (Paulistano)	7 6	ALUÍSIO (Botafogo)	12
1917	FRIEDENREICH (Ypiranga)	20	WELFARE (Fluminense)	18
1918	FRIEDENREICH (Paulistano)	23	ZEZÉ (Fluminense)	17
1919	FRIEDENREICH (Paulistano)	26	WELFARE (Fluminense)	22
1920	NECO (Corinthians)	24	ARLINDO (Botafogo)	17
1921	FRIEDENREICH (Paulistano)	33	NONÔ (Flamengo)	11
1922	GAMBAROTTA (Corinthians)	19	WELFARE (Fluminense)	8
1923	FEITIÇO (São Bento)	18	CHIQUINHO (América) e PREGUINHO (Fluminense)	12
1924	FEITIÇO (São Bento)	14	(3)RUSSINHO (Vasco) e NILO (Fluminense)	14 28
1925	FEITIÇO (São Bento)	10	NONÔ (Flamengo)	25
1926	(2)HEITOR (Palestra) FILÓ (Paulistano)	13 16	VICENTE (São Cristóvão)	25
1927	(2)ARAKEN (Santos) FRIEDENREICH (Paulistano)	31 13	NILO (Botafogo)	30
1928	HEITOR (Palestra) FRIEDENREICH (Paulistano)	16 29	PREGUINHO (Fluminense)	16
1929	FEITIÇO (Santos) FRIEDENREICH (Paulistano)	12 16	TELÊ (América) e RUSSINHO (Vasco)	16
1930	FEITIÇO (Santos)	37	SOBRAL (América)	13

(1) Cisão: Liga Paulista de Futebol e Associação Paulista de Esportes Atléticos
(2) Cisão: Associação Paulista de Esportes Atléticos e Liga de Amadores de Futebol
(3) Cisão: Liga Metropolitana de Desportos Terrestres e Associação Metropolitana de Esportes Atléticos. A cada cisão, disputavam-se dois campeonatos no mesmo ano

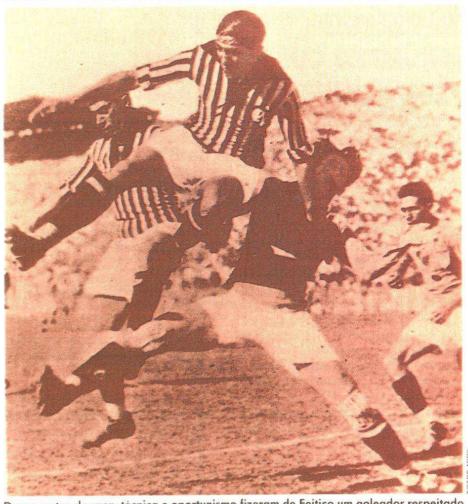
WELFARE

UM PROFESSOR DE BOLA NO FLU

Harry Welfare havia chegado da Inglaterra, em 1913, para lecionar no Anglo-Brasileiro, um conceituado colégio da Zona Sul carioca nos anos 10. Logo, porém, viu-se calçado com as chuteiras que trouxera na bagagem, passando aos ainda inexperientes alunos as primeiras noções do *foot-ball*, esporte que praticara em sua terra defendendo o pequeno Northern Nomads e até o renomado Liverpool, pelo qual disputou o campeonato da Liga Inglesa.

Foi o bastante para entusiasmar os diretores do colégio, a maioria deles ligados ao Fluminense. Eles não só incentivaram o professor a praticar o esporte também no Brasil como o apresentaram como novo jogador a Félix Frias, o então presidente tricolor. Não houve motivo para arrependimento: o inglês, que jogava como centroavante, foi artilheiro de cinco dos nove Campeonatos Cariocas seguintes (em 1914/15, 1917, 1919 e 1922). Uma lição de inglês para brasileiro ver.

Welfare: professor de Inglês e futebol

FOTOS ABRIL

Doses certas de raça, técnica e oportunismo fizeram de Feitiço um goleador respeitado

FEITIÇO

O SURPREENDENTE ENCANTO DO BICO

Seu futebol era tão mágico quanto o apelido. Dos pés de Luís Matoso, o Feitiço, um lance quase blasfemo no futebol, como é o gol de bico, virou verdadeira obra-prima. A jogada era a sua marca registrada. Mas nem só desta jogada solitária — o sem-pulo, de bico — vivia o futebol de Feitiço. No Peñarol, do Uruguai, onde foi campeão e artilheiro em 1933, ganhou outro apelido: *Cabeza de Oro*. Foi também com uma jogada aérea que ele levantou, em 1925, pelo extinto São Bento da capital, o Campeonato Paulista — ao lado do Campeonato Carioca de 1936, pelo Vasco, um dos únicos títulos em sua carreira.

Centroavante dos bons, foi artilheiro do Campeonato Paulista por três anos seguidos, em 1923/24/25, pelo São Bento, e em 1929/30/31, pelo Santos. Neste último ano estabeleceu um recorde de gols numa temporada (39), que somente seria batido por Pelé em 1958. Na Seleção, cumpriu a escrita de fazer três ou mais gols em cada estréia, fazendo quatro nos 5 x 0 sobre o Montherwell, da Inglaterra, em 1928. Talvez não tenha feito mais que quatro jogos pelo Brasil por ter desafiado o presidente Washington Luís. Da tribuna, o político ordenou o reinício de um Rio x São Paulo, em 1926. "Diga ao presidente que no campo mandamos nós", foi a resposta de Feitiço.

ARAKEN

A 10 DO SANTOS JÁ TINHA DONO

Bem antes do surgimento de Pelé a camisa 10 do Santos já pertencia a um grande artilheiro: Araken Patusca, um habilidoso e veloz driblador que estreou no Peixe, jogando na ponta-esquerda, em 1920.

Araken: chamado de *Le Danger* pelos franceses

Responsável por 31 dos 100 gols marcados em apenas dezesseis jogos pela famosa linha santista de 1927, Araken foi também o único jogador paulista convocado para a primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai. Antes disso, porém, já havia se tornado conhecido internacionalmente depois da vitoriosa excursão do Paulistano à Europa, em 1925. Emprestado pelo Santos, deslumbrou os franceses com seu estilo refinado, voltando com o apelido de *Le Danger* (O Perigo). As lembranças da viagem, a primeira de um clube brasileiro à Europa, foram documentadas pelo próprio craque em seu livro *Os Reis do Futebol*.

Depois da Copa do Mundo, Araken foi para o São Paulo, da Floresta, e ao lado de craques como Friedenreich conquistou o Campeonato Paulista de 1931. Ficou até 1934, quando resolveu voltar para o Santos. Afinal, tinha uma velha dívida com seu time do coração: depois de quatro vice-campeonatos, de 1926 a 1929 (foi artilheiro em 1927), conquistou para o Peixe o título de 1935.

RUSSINHO

O ARTILHEIRO QUE DEU SAMBA

Poucos foram os jogadores de futebol até hoje que receberam tantas homenagens. Artilheiro e bicampeão carioca pelo Vasco, em 1924, quando marcou catorze gols em dezesseis jogos, o centroavante Moacyr de Siqueira Queiroz, o Russinho, não parou por aí. Alguns anos depois, um concurso promovido por uma marca de cigarros para se saber quem era o jogador mais popular do Rio de Janeiro também seria vencido por ele, depois de dura disputa com Fortes, do Fluminense.

O prêmio, uma *Baratinha* (um dos primeiros carros que apareceram no país), motivou o compositor Noel Rosa a compor um samba, intitulado "Quem Dá Mais?", em que se referia a Russinho com os seguintes versos: "Ninguém dá mais de um conto de réis? O Vasco pega o lote na batata e em vez de *Barata* oferece ao Russinho uma mulata".

O vascaíno Russinho: carro como prêmio e um samba de Noel

Convocado para a Copa do Mundo de 1930, ao lado dos também vascaínos Brilhante, Fausto e Itália, ele fez apenas três jogos e um gol com a camisa da Seleção, mas deixou seu nome na história da música popular e do futebol brasileiro.

UMA SUPERGOLEADA

Aconteceu em 30 de maio de 1909, no Rio, e até hoje, no Brasil, ninguém apanhou de mais: Sport Club Mangueira 0 x Botafogo 24, pelo Campeonato Carioca. No mundo todo, só o Arbroth, que fez 36 x 0 no Bon Accord, pela Copa da Escócia de 1885, e o Preston North End, que enfiou 26 x 0 no Hyde, pela Copa da Inglaterra de 1887, ganharam por uma diferença maior que a do Fogão naquele dia.

VIRA NOVE, ACABA 24

Quando acabou o primeiro tempo, o Botafogo já ganhava de 9 x 0. No fim, Gilbert (nove gols), Flávio Ramos (sete), Monk, Luis Martins da Rocha (dois cada um), Dinorá, Emanuel Sodré, Raul Rodrigues e Henrique Teixeira (um gol cada um) completaram o baile. O pobre goleiro do Mangueira daquele dia chamava-se Manuel Barroso.

SACO DE PANCADA

Levar gols, para o Mangueira, aliás, não era novidade. O time da Tijuca, que usava camisas rubro-negras em listas verticais, sofreria mais algumas derrotas históricas até desaparecer, em 1924: 16 x 2 e 14 x 0 para o Flamengo; 10 x 2 para o Fluminense; e 11 x 1 para o São Cristóvão. Dos 118 jogos que disputou em toda sua existência, perdeu 96.

Rubens Salles: primeiro gol, primeiro título

GOL QUE VALEU TAÇA

Foi em Buenos Aires, contra a Argentina, que Rubens Salles marcou o primeiro gol da Seleção Brasileira em jogos oficiais de competição. A vitória, por 1 x 0, valeu a conquista da Copa Rocca, e foi o primeiro título do Brasil conquistado no exterior.

ETERNAS OBRAS-PRIMAS

O gol mais bonito do maior artilheiro de todos os tempos em seu clube você encontra aqui. Confira. E curta

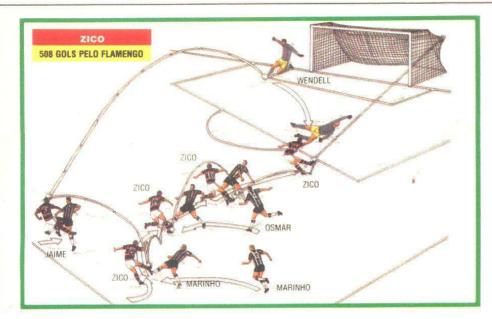
A partir da próxima página, PLACAR oferece ao leitor o gol mais bonito feito pelo maior artilheiro, em números absolutos, da história de Corinthians, Vasco, Flamengo, Palmeiras, Botafogo, São Paulo, Fluminense, Santos, Cruzeiro, Atlético Mineiro, Internacional e Grêmio. São jóias que ficaram e ficarão para sempre na memória de todos, pela técnica e pela beleza utilizadas por seus autores. É para matar a saudade de goleadores óbvios, como Pelé, Zico, Roberto Dinamite, Tostão e Reinaldo, e outros um tanto surpreendentes, como Serginho Chulapa, o maior artilheiro que o São Paulo já teve, batendo nomes como Leônidas da Silva e Gino.

Bastante curioso é o fato de que nada menos do que quatro desses maiores goleadores de clubes tenham começado nos anos 70 (Zico, Roberto, Reinaldo e Serginho), já enfrentando fortes esquemas defensivos, enquanto as décadas de 50 e 60, decantadas em prosa e verso como os anos de ouro do futebol ofensivo, apresentaram o mesmo número de artilheiros: o corintiano Cláudio Cristhóvam Pinho, o botafoguense Garrincha, Pelé e o gremista Alcindo. É para se pensar.

Como também é para se pensar por que a década de 80 não apresentou um único nome para a história. Duas razões para isso saltam aos olhos: 1) o jogo está cada vez mais fechado; 2) os atacantes já não passam tantos anos em um mesmo clube como antigamente. Cláudio ficou catorze anos no Parque São Jorge e só assim conseguiu superar Teleco. Pelé esteve dezessete anos na Vila Belmiro. Garrincha jogou treze anos no Botafogo e superou o número de gols feitos por Carvalho Leite nas décadas anteriores. Tostão vestiu por nove anos a camisa cruzeirense e Zico passou ao todo dezesseis anos na Gávea.

O tempo acumula, como se vê. Por isso, não deixa de ser surpreendente que dois dos maiores artilheiros de clubes em todos os tempos tenham jogado nas décadas de 20 e 30: o tricolor carioca Preguinho e o palmeirense Heitor. Ou seja, passados sessenta anos, os dois continuam imbatíveis. Sem dúvida, uma façanha notável.

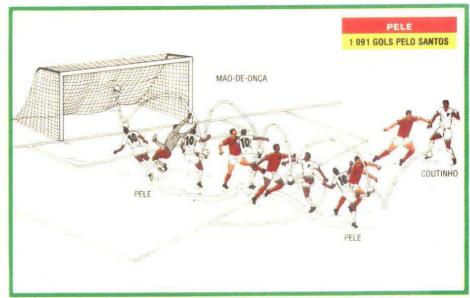
OS MAIORES ARTILHEIROS EM UM SÓ JOGO

JOGADOR	Nº DE GOLS	PARTIDA	ANO
DARIO	10	Sport 14 Santo Amaro-PE 0	1976
GILBERT	9	Botafogo 24 Mangueira 0	1909
TARÁ	9	Náutico 21 Flamengo-PE 3	1945
PELÉ	8	Santos 11 Botafogo-SP 0	1964
ARAKEN	7	Santos 12 Ypiranga 1	1927
FRIEDENREICH	7	Paulistano 7 União Lapa 0	1929
SÓCRATES	7	Botafogo-SP 10 Port. Santista 0	1976

MARACANÃ TREME COM ZICO

O gol mais bonito de Zico foi feito no dia 14 de setembro de 1974. O Botafogo ganhava a partida por 2 x 1 quando seu goleiro, Wendell, bateu um tiro de meta, aos 35 minutos do segundo tempo. O zagueiro rubro-negro Jaime rebateu de cabeça, indo a bola parar nos pés do Galinho. Ele se livrou do lateral Marinho Chagas, chapelou o quarto-zagueiro Osmar, deu um drible da vaca em Mauro Cruz e, na saída de Wendell, tocou macio, no canto, empatando o jogo. O Maracanã veio abaixo.

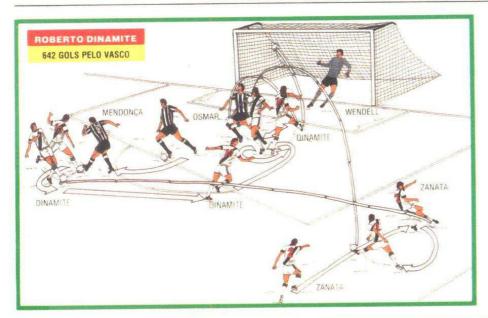
FOTOS ABRIL

O SHOW DO REI NA JAVARI

O acanhado estádio do Juventus, na Rua Javari, está superlotado. O Santos joga mal e Pelé, bem marcado, ainda não viu a cor da bola. A torcida o provoca. Coutinho chuta e a bola vai pererecando em direção à área. O Rei aparece no caminho e dá lençóis um atrás do outro na defesa juventina, incluindo o goleiro Mão-de-Onça. Então, com o gol vazio, Pelé toca de cabeça para as redes. O estádio cala-se atônito, naquela tarde quente de 11 de novembro de 1959.

CLAUDIO
295 GOLS PELO CORINTHIANS
CLAUDIO CRISTHOVAM PINHO
COSTA PEREIRA
NELSINHO
LUIZINHO
PAULO

ILUSTRAÇÕES MARCO ANTÔNIO

UMA CURVA À LA CLÁUDIO

Dia 10 de julho de 1955. Corinthians e Benfica decidem o Torneio Charles Miller, no Pacaembu. Aos 35 do segundo tempo, com a partida empatada em 1 x 1, o juiz marca falta contra o time português. Costa Pereira arma a barreira em cima da linha da grande área e se coloca no canto direito do gol. O corintiano Cláudio chuta. A bola passa pelos homens da barreira, faz uma curva fantástica, enganando o goleiro do Benfica. Depois de bater na trave esquerda, ela morre na rede.

PURA DINAMITE NA ÁREA

Último minuto de jogo. Botafogo e Vasco empatavam em 1 x 1, no Maracanã, no dia 9 de maio de 1976. Roberto Dinamite pega uma bola em frente à grande área botafoguense, estica um passe para Zanata deslocado pela ponta-direita e corre para a marca do pênalti. Zanata cruza, alto. Roberto mata no peito, dá um chapéu sob medida no zagueiro Osmar Guarnelli e, quase já no interior da pequena área, fuzila o goleiro Wendell sem apelação. Um gol pra ninguém botar defeito.

FOTOS ABRIL

A GENIALIDADE DE MANÉ

Maracanã, 28 de setembro de 1958. O Vasco ataca, pois o Botafogo vence por 1 x 0. Mas a defesa alvinegra desarma e lança Garrincha. O ponta livra-se de Coronel, dribla Orlando, invade a área e passa pelo goleiro. Quase sem ângulo, prepara-se para chutar, quando vê Bellini encostado à trave. Mané finge que vai voltar. Bellini desencosta do poste e Garrincha aproveita para colocar a bola entre o zagueiro e a trave. No final, porém, o Vasco virou a partida para 3 x 2.

HEITOR

202 GOLS PELO PALESTRA/PALMEIRAS

XINGÓ

SERAFINI

FEITIÇO

SERAFINI

HEITOR

JOÃO

ILUSTRAÇÕES MARCO ANTONIO

MAIS UM GOLAÇO DE HEITOR

Dezembro, 12, 1926. O centroavante Feitiço, do São Bento, é desarmado pelo *center-half* Xingó, que toca rápido para o *half* esquerdo Serafini. Este, livre de marcação, avança até a intermediária adversária velozmente. Percebendo a deslocação de Heitor Marcelino, faz o lançamento. Na corrida, de primeira, o centroavante solta a bomba com a perna direita. O chute sai forte e cruzado, sem chance para o goleiro João. Palestra Itália 5 x São Bento 3.

A SUTILEZA DE REINALDO

Campeonato Brasileiro, 19 de fevereiro de 1978. O goleiro Valdir, do América de Natal, chuta para a frente. Cerezo ganha a disputa de bola com Ivã Xavier e toca para Reinaldo. O centroavante atleticano avança, livra-se do zagueiro Argeu com um drible de corpo e, da entrada da área, toca sutilmente por cima de Valdir, que abandonava o gol. O Mineirão em peso grita: "Rei, rei, rei; Reinaldo é o nosso rei". Final: Atlético-MG 6 x América-RN 0.

A CHAPELARIA DE TOSTÃO

Campeonato Mineiro, Cruzeiro 3 x Araxá 0, dia 30 de março de 1969. O volante cruzeirense Zé Carlos ganha uma jogada no meio-de-campo e passa para Tostão, colocado na meia-direita. Ele recolhe, dá o primeiro chapéu no zagueiro Spencer na entrada da área do Araxá, outro em Santos dentro da meia-lua, mais outro em Hermógenes já quase na marca do pênalti e toca, de cabeça, por cima do goleiro Gorila. A torcida não resiste e aplaude a jogada de pé.

MOTORZINHO
TESOURINHA
ADÃOZINHO
CARLITOS
RUI
CARLITOS
CLAREL
CARLITOS
JULIO

CARLITOS
485 GOLS PELO INTERNACIONAL

ILUSTRAÇÕES MARCO ANTÔNIO

UM RELÂMPAGO COLORADO

Estádio da Timbaúva, 8 de outubro de 1944, decisão do campeonato da cidade entre Internacional e Grêmio. O juiz Henrique Failace apita o início da partida. O centroavante colorado Adãozinho toca para Tesourinha, que estica um passe longo, em diagonal, para a esquerda. O ponta Carlitos leva a bola no peito e, da entrada da área, enche o pé, acertando o ângulo do atônito goleiro Júlio. Inter 1 x 0, sem que nenhum jogador gremista tenha tocado na bola.

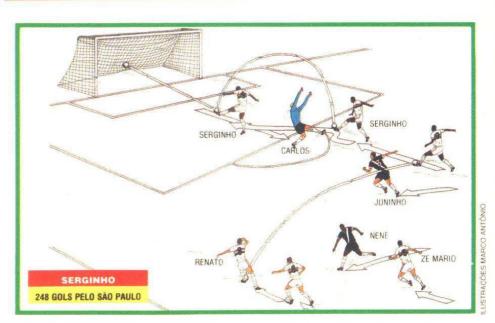
MOMENTOS INESQUECÍVEIS

SERGINHO IMPLODE A PONTE

São Paulo x Ponte Preta, Morumbi, 29 de novembro de 1981. Renato escapa pela meia-esquerda e vê Serginho se enfiando entre os zagueiros Nenê e Juninho. O passe é feito pelo alto e Serginho mata a bola no ar. O goleiro Carlos abandona o gol e leva um chapéu na risca da grande área. Sem deixar a bola tocar no chão, o centroavante fuzila de pé esquerdo para o gol vazio. São Paulo 2 x 0, aos 41 minutos do segundo tempo. São Paulo bicampeão paulista.

FOTOS ABRIL

SERGINHO
248 GOLS PELO SÃO PAULO

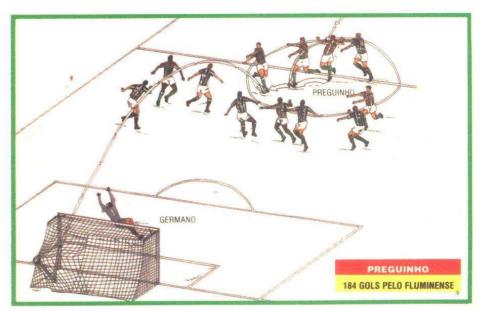
ILUSTRAÇÕES MARCO ANTÔNIO

ALCINDO
261 GOLS PELO GRÊMIO

ALCINDO DESMONTA A URSS

Fevereiro, 16, 1966. O Grêmio ganha da União Soviética por 1 x 0 (gol de Alcindo), quando o próprio centroavante gremista pega uma bola no meio-de-campo. Na corrida, vai batendo todos os adversários que surgem à sua frente. Primeiro é Malafeev, depois Metreveli. Alcindo entra na área e corta Voronin para dentro. Quase na pequena área, Ponomarev vem na cobertura. Esperto, o atacante se atira e bate de pé esquerdo. A bola ainda bate da trave de Yashin e entra.

GOLAÇO DO MEIO DO CAMPO

O Botafogo, já campeão por antecipação, ganhava o último jogo do Campeonato Carioca de 1930 por 2 x 1, naquela tarde de 7 de dezembro, quando o goleiro do Fluminense lançou seu companheiro Preguinho em sua própria intermediária. O atacante deu apenas duas passadas e chutou forte, por cobertura. Um gol incrível, igual ao que Pelé tentou contra a Tcheco-Eslováquia, na Copa de 70. Preguinho comemorou como um louco esse seu golaço, pulando pelo campo.

PREGUINHO
184 GOLS PELO FLUMINENSE

OS MAIORES GOLEADORES DE CADA ESTADO

ESTADO	ARTILHEIRO	CLUBE(S)	ÉPOCA	GOLS/TOTAL
Alagoas	**Joãozinho Paulista**	CRB	1976-1984	**140**
Amazonas	**Careca**	Sul-América, Nacional e Fast	1975-1979	**54**
Bahia	**Carlito**	Bahia	1949-1961	**220**
Ceará	**Marciano**	Ceará e Fortaleza	1973-1974, 1976 e 80 a 82	**126**
Distrito Federal	**Moura**	Tiradentes	1988/89	**30**
Espírito Santo	**Zezinho**	Desportiva e Barrense	1973-1980	**80**
Goiás	**Túlio**	Goiás	1984-1992	**162**
Maranhão	**Zé Roberto**	Moto Clube	1983-1991	**152**
Mato Grosso	**Bife**	Mixto e Operário-VG	1976-1984	**74**
Mato Grosso do Sul	**Lima**	Operário	1980-1984	**69**
Minas Gerais	**Reinaldo**	Atlético-MG	1971-1985	**288**
Pará	**Hélio**	Paysandu	1940-1944	**148**
Paraíba	**Dentinho**	Botafogo	1983-1985	**112**
Paraná	**Duílio Dias**	Coritiba e Água Verde	1955-1964	**175**
Pernambuco	**Baiano**	Santa Cruz, Náutico e Central	1980-1988	**256**
Piauí	**Sima**	Piauí, Ríver, Tiradentes, Auto Esporte e Flamengo-PI	1968-1971, 1974-1983	**306**
Rio de Janeiro	**Roberto Dinamite**	Vasco	1971-1988	**642**
Rio Grande do Norte	**Alberi**	ABC	1968-1974	**79**
Rio Grande do Sul	**Carlitos**	Inter-RS	1938-1951	**485**
Santa Catarina	**Saul**	Avaí	1936-1945	**401**
São Paulo	**Pelé**	Santos	1956-1974	**1 091**
Sergipe	**Florisvaldo**	Cotinguiba e Vasco	1974-1979	**104**

CARTAS

Os Dez Gênios do Futebol Brasileiro

Parabéns a PLACAR pela edição dos Dez Gênios de 1970 a 1992. Não posso, porém, deixar de comentar a relação do brilhante escritor Luis Fernando Verissimo, o único a não votar em Zico. Em compensação, colocou Claudiomiro em sua lista. Se alguém conseguiu entender, por favor me esclareça.

Walter Santos
Rio de Janeiro, RJ

Fiquei deslumbrado com a edição de PLACAR que homenageou os Dez Gênios do Futebol Brasileiro de 1970 a 1992. Aqui está minha escolha, só que referente aos dez gênios em atividade: Bebeto, Careca, Romário, Taffarel, Raí, Júnior, Zico, Renato Gaúcho, Toninho Cerezo e Neto.

Josinaldo Barbosa José
São João de Meriti, RJ

O Acari volta à Festa do Interior

Este é o Acari Futebol Clube, fundado em 1926, e que este ano volta a disputar o Matutão, campeonato que reúne as equipes do interior do Rio Grande do Norte. Uma verdadeira Festa do Interior. Toda a cidade de Acari está empolgada com nosso time.

Luiz G. M. Bezerra
Acari, RN

TODOS OS CAMPEÕES *BRASILIANOS*

Jogador	Clube de origem	Clube na Itália	Anos de Título
Jair da Costa	Portuguesa	Internazionale	1963, 1965, 1966 e 1971
Mazzola	Palmeiras	Milan Juventus	1959 e 1962 1973 e 1975
Ministrinho	Palestra	Juventus	1933 e 1934
Julinho	Portuguesa	Fiorentina	1956
Dino Sani	São Paulo	Milan	1962
Chinesinho	Palmeiras	Juventus	1967
Sormani	Santos	Milan	1968
Amarildo	Botafogo	Fiorentina	1969
Nenê	Santos	Cagliari	1970
Falcão	Inter-RS	Roma	1983
Alemão	Botafogo	Napoli	1990
Careca	São Paulo	Napoli	1990
Toninho Cerezo	Atlético-MG	Sampdoria	1991

Os brasileiros que brilharam na Itália

Quero saber quais os jogadores brasileiros que foram campeões italianos, os clubes pelos quais jogavam e seus times de origem no Brasil.

Rodrigo C. da Silva
São Roque, SP

Os que marcaram mais vezes em 1991

Quais foram os principais artilheiros dos campeonatos estaduais no ano passado?

Carlos Diogo Cardoso Maia
Manaus, AM

Ninguém marcou mais que Alcântara, do Campo Mourão, artilheiro do Campeonato Paranaense com 30 gols. Depois dele, os principais foram Moura, do Sport, com 25; Vandick, do Bahia, com 21; Raí, do São Paulo, com 20; Túlio, do Goiás, Rinaldo Daniello, do CSA, e Toto, do Juventus de Jaraguá do Sul (SC), com dezenove gols.

Compram, vendem e trocam revistas e camisas

Possuo camisas de vários clubes e gostaria de aumentar minha coleção. Faço troca com torcedores do Brasil e de todo o mundo.

Porfírio Cruz Filho
Av. Santo Antônio, 1521, CEP 06080, Osasco, SP

Vendo os álbuns completos das Copas do Mundo de 1982 e 1990, do Campeonato Carioca de 1988 e dos Brasileiros de 1987, 1988, 1989, 1990 e 1991.

Ademir Tadeu Rangel
R. José Monteiro de Barros, 55, CEP 28460, Miracema, RJ

Tenho interesse nos seguintes números de PLACAR: 136, 142, 219 e 304.

Arbi Fischborn
Rua Treze de Maio, 421 CEP 95960, Encantado, RS

Troco uma camisa original do Campeonato Italiano por três álbuns de campeonatos do Brasil (Copa União 88, Campeonato Paulista ou Carioca, por exemplo). Desde que completos e em bom estado.

Andrea Barchi
Via Bembo 12 - 42100 Reggio Emilia Itália

Em pé: Heraldo, Nego, Zé Bola, José Francisco, Afrânio e Silvano; Agachados: Três Quilos, Ademar, Chaguinha, Nerino, Zé Velho e Teo

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausin Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573-900, Caixa Postal 2372, tel (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (01 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração**: Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515-010, tel.: (011) 858-451

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funciona rios, CEP 30130-141, tels.: (031) 226-7799/7007, Telex (03 1085, FAX: (031) 226-7114

Blumenau: r. 7 de Setembro, 1574, 5.º andar, CEP 89010-20 tel.: (0482) 26-1415, Telex (0482) 47-1017, FAX: (0482) 26-0902

Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Ce ter, 14.º e 15.º andares, CEP 70710-500, tel.: (061) 321-885 Telex (061) 1464 e 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abr press

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/13 Centro, CEP 13010-210, tel.: (0192) 33-7100, Telex (019 193311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CE 79052-170, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Caxias do Sul: r. Pinheiro Machado, 2705, sala 503, Ed. M tropolitan, CEP 95020-172, tel.: (054) 223-2455

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CE 78058-330, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andare Bairro Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: PABX (04 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (ate dimento ao assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, co 101, Centro, CEP 88010-100, tel.: (0482) 22-7826, Telex (048 1004, FAX: (0482) 23-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeo CEP 60150-161, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74175-060, te (062) 241-3756

Natal: r. Dr. Múcio Galvão, 435, Lagoa Seca, CEP 59020-55 TELEFAX: (084) 223-2303

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sa 704, CEP 93510-001, tel.: (051) 593-9891

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 30 Bairro Menino Deus, CEP 90510-002, tels.: (051) 229-5899/41 Telex (051) 1092, FAX: (051) 229-4857, Telegrams: Abrilpress

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 90 Bairro São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, Tel (081) 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, T LEFAX: (016) 634-9376

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafo CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FA (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41820-021, te (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, C 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, FAX: (0123) 21-5046

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º a dar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010-004, TELEFAX: (0 223-4688

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 34 New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, lex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (003 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (003 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • EXAME INFORMÁTICA

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIM

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos p Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Ter 06040, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últi edições. Todos os direitos reservados. Distribuída c exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Naci de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante**: (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Escudinhos para botões

DEZ CAMPEÕES EUROPEUS DE 1992